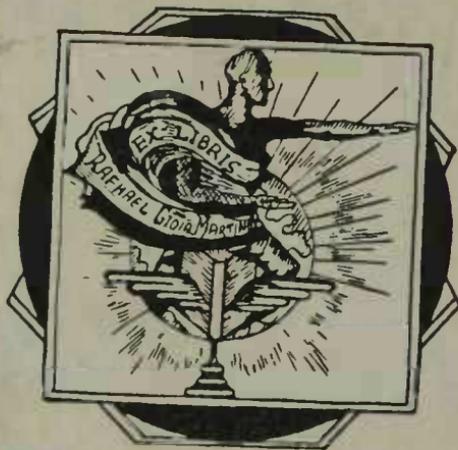




Encadernação
e Douração

R. João Theodoro, 104

JOÃO I. DAS DORES





José de Alencar

Je ne fais rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AO POVO

CARTAS POLITICAS

DE

ERASMO

Nemini cedo.



RIO DE JANEIRO

TYP. DE PINHEIRO & COMP., RUA SETE DE SETEMBRO N. 165

1866

São publicadas regularmente nas terças-feiras.
Cada carta conterà nunca menos de oito paginas.
As pessoas que as desejem receber em suas casas terão a
bondade de deixar seus nomes em qualquer livraria.
Não se aceitão assignaturas.

• Editor.

AO POVO

CARTAS POLITICAS

I

Foge o tempo : cada instante que se escôa é mais um sopro a esvair-se do halito vital d'este misero paiz.

Dignidade, grandeza e progresso da patria arrastão por estas ruas quaes torpes andrajos de nação indigente e decrepita.

Houve tempo em que a alma do paiz se voltou para o throno, de onde esperava a redempção de tamanha calamidade. Concentrava-se toda a confiança na virtude e sabedoria do monarcha excellente.

Largo espaço este vehemente impulso da nação para se abrigar á sombra de seu legitimo e perpetuo defensor perdurou com igual intensidade. Relaxarão-se, porém, as fibras nacionaes tão anciosamente destendidas.

Agonisa emfim a robusta esperança, se já não acabou de morrer.

A propria voz que, ultimo echo do sentimento publico, repercutio essa verdade e a levou ante a corôa; a voz de *Erasmus*, sempre amiga e dedicada ao soberano, já não ousa balbuciar esta crença, tão valida outr'ora.

E como?

O sangue generoso do Brasil é neste momento entornado á jorros nos charcos do Paraguay pela impericia dos generaes mercenarios, que o governo assoldou á preço de milhões para commandar nossos bravos.

Malfadada patria! Teu solo é d'aquella argilla vigorosa de que Deus plasma os heróes: e comtudo não achárão entre elles um digno de conduzir teus irmãos á victoria!

O suor cruento do povo extenuado corre a esta hora vasado em ouro pelas campinas do Rio da Prata. Emtanto os chefes das familias brasileiras, aniquilado de repente o desvelado patrimonio, sentem, como pais que gerão a prole para a desgraça.

A miseria, com seu cortejo ignobil de crimes e devassidões, já fez sua entrada triumphal neste opulento imperio que parecia d'ella preservado por seus immensos recursos. Nunca ha, porém, ouro bastante para o rodo da delapidação.

Rumores surdos, assomos de impaciencia das classes inferiores, circulão a cidade. Como as repercussões do solo indicão as cavernas subterraneas, taes echos annuncião profundos resentimentos do espirito publico.

No vertice d'este cataclysmo, que ameaça submergir-nos, o ministerio se recosta nas poltronas ministeriaes « com a mesma placidez com que busca o leito do repouso. »

E a voz excelsa que devia espavorir tanta indifferença emmudece. As fallas do alto, vão assoalhando cousas incriveis, mas que os factos de todo o dia confirmão.

E' nas columnas do throno onde o actual gabinete, foragido da opinião que o repelle, se escóra para ainda suster-se no poder com arreganhos de força.

Usárão em tempos remotos inflingir ao parricida terrivel supplicio. Atavão-n'o ao cadáver de sua victima. A propria consciencia indignada flagellava o filho perverso e desnaturado.

Talvez influa esse pensamento para manter ainda o gabinete de 12 de maio jungido ao cadaver do governo brasileiro. Vão intento ! Não se incute o remorso de sua obra á quem d'ella não tem a consciencia.

O actual gabinete acredita que beneficia o paiz ; cumpre render este justo tributo a sua boa fé. E' victima de um fanatismo governamental.

A situação presente semelha a uma terrivel chimera.

Um motivo ignoto, que devemos crêr justo e nobre, tolhe nesta crise formidavel a suprema acção da magestade. Os recentes successos patenteão á evidencia a triste realidade. Não será do alto que romperá a iniciativa da regeneração.

O coração do rei é inexcrutavel, disse o propheta. *Cor regum inscrutabile*. Devêra ao inverso ser para seus povos como o firmamento, aberto e descortinado. Nelle veria a soberania nacional o annuncio da serena monção da liberdade, ou as brumas da proxima tormenta.

Se o olhar do povo brasileiro penetrasse no fundo do coração integro e virtuoso, que a Providencia collocou no fastigio do poder ; se na limpidez da augusta consciencia vira se reflectirem claros horizontes de futuro ; certo que applicára o pavor.

Outra vez renascêra a confiança, e a nação paciente aguardaria a hora da redempção.

Longe disso ; enquanto se esbroa por terra e se desfaz em pó a construcção laboriosa e não acabada de quarenta annos difficeis, a densidade da politica imperial cada vez se obscurece mais.

Ninguem sabe o que esconde essa atmosphera espessa das altas regiões ; se uma esperanza tenaz, se um profundo desanimo.....

Terrivel fatalidade pesa nesta hora sobre o imperio brasileiro.

Com a rara fortuna de possuir um monarcha exemplar na virtude e notavel na intelligencia, forte pela solidez das instituições e pelo amor dos subditos ; o Brasil não póde ser arrancado ao abysmo, para onde se precipita, pela mão de seu amado imperador.

A'quem da revolução ingleza figurão dois reis da mesma familia, Carlos 2.º e seu irmão Jacques 2.º E' escusado repellir o paralelo ; a historia do presente reinado está virgem dos escandalos das velhas monarchias.

Um dos mais conspicuos historiadores britannicos, Macaulay, refere uma palavra do sagaz Buckingham, que desenha com um só traço, mas

profundo, a phisionomia de ambos aquelles monarchias e a sorte da patria em epocha tão desastrosa :

« Se Jacques pudesse, se Carlos quizesse.... »

Sinto uma dôr pungente ao lembrar que o historiador brasileiro, quando contemple do futuro a uma e outra margem do sete de abril os vultos egregios dos dois primeiros monarchas brasileiros, possa repetir aquelle conceito.

Tal é esta dôr, que ella revive a esperança extincta. Esfôrço crêr ainda, esfôrço subtrahir a mente ao turbilhão de factos clamorosos que envolvem e aturdem o cidadão.

Custa conformar a plena confiança na pessoa com o desengano de seus actos. E' minha convicção inabalavel que o poder superior quer e pôde salvar o paiz; mas uma força adversa e mysteriosa, a fatalidade, frustra os beneficos efeitos da vontade imperial.

Pois que uma causa ignota priva o soberano de salvar a nação pela sua attitude energica, urge que o povo acorde para defender o patrimonio sagrado de suas liberdades e gloriosas tradições.

Será lento, porque a lethargia é profunda; e tardio porque o mal se despenha incessante. Mas abaixo da Providencia o povo já não tem senão a si mesmo, sua prudencia e constancia.

Eis a razão porque *Erasmo* se dirige agora ao povo, como outr'ora se dirigio ao imperador; volta-se para onde rompe um vislumbre de luz.

Caminha para o oriente da liberdade; se fugaz clarão o fascina para o deixar outra vez nas trevas, paciente aguarda nova luz que o guie.

Vou fallar ao povo brasileiro e proferir verdades que elle nunca ouviu, nem de seus dictadores, nem de seus tribunos.

Cidadãos d'este já florescente imperio !

Antes de occupar-me de vossos maximos interesses, quero dizer-vos poucas palavras sobre o homem que emprehe neste momento a ardua empreza de arrancar-vos á vergonhosa apathia.

Não venho, transfigurado pelo despeito, desfazer a obra conscienciosa que trabalhei recentemente: alijae esse pensamento, que sem duvida acaba de inspirar-vos a desabrida immoralidade d'esta epocha abominavel.

Mais que o mesmo homem, sou a mesma opinião, a mesma idéa, o mesmo sentimento. Ante o povo, como ante o imperador, sempre *Erasmus*; sempre a verdade e nada mais do que a verdade.

Proponho-me, como então, a renovar a alliança da realza com a democracia. Quero restituir o monarcha e o povo, um ao outro. E' o meio de conspirar a catastrophe.

Sei que ha no povo, como no throno, uma magestade, e portanto uma magnificencia. Qualquer d'ellas esparge favores sobre os seus cortezãos; e talvez com profusão maior sobre quem a desdenha.

Por isso muitas vezes ceifa-se melhor as graças no comicio e colhe-se mais facil a popularidade nos paços da realza.

Não sego eu neste ou naquelle campo. Nem a magestade imperial, nem a magestade popular tem o que dar á quem presentemente nada ambiciona d'ellas para si e só muito para os outros.

O que *Erasmus* deseja sinceramente, não lhe podem negar o imperador e o povo; a estima, o primeiro, e a attenção, o segundo. Não lhe podem negar, porque o soberano assim o deve á sua virtude e o povo ao seu interesse.

Não se infira d'estas palavras uma completa abnegação politica. A ambição é a esperanza activa e laboriosa, como a esperanza é uma ambição inerte. Quando ella abandona o homem, morre-lhe a vida intelligente.

Um homem sem ambição é o sepulchro de uma alma extincta. A palavra que d'elle exhala vem gelida e lugubre como os echos do tumulo.

Erasmus tem grandes ambições; nem se peja de confessal-as. Mas nesta quadra as ambições lisas e puras recatão-se pelo receio de torpe contacto com a sordida cupidez.

Tantos cidadãos notaveis que atravessão esta crise mudos, concentrados, arredios dos negocios... Em geral os considerão presas de um secco e frio egoismo. Engano; são crysalidas se não urnas de nobres ambições refrangidas.

Trabalho, pois, não a causa de minha ambição, que não é d'esta epocha, sim a causa de toda ambição honesta: a causa do futuro.

De resto, para saciar a ardente aspiração de minha alma, ha um favor que não depende nem dos reis, nem dos povos; uma graça de maior valia que a munificencia da corôa e o suffragio popular: é a benção da posteridade.

Se me for dada obtêl-a!... Affirmo que não a tróco pelas mais preciosas do presente.

Já vêdes que não sou tribuno; não careço de arremedar a fôfa e retumbante eloquência da giria demagogica; nem revolver na vasa social os máos instinctos da plebe.

Dirijo-me ao povo; e por povo entendo o corpo da nação sem distincção de classes, excluidos unicamente os representantes e depositarios do poder.

Aos grandes como aos pequenos, fallarei a linguagem que me deu a natureza; comprehendão-me os capazes, pelo raciocinio; os ignorantes, pela intuição mysteriosa, que em todos os tempos ha inoculado a verdade no seio das massas.

Carecia dizer-vos estas cousas. Conheceis agora o homem que tomou o firme empenho de commover-vos, mão grado vosso. D'esta vez heis de acordar, eu o garanto; tenho, infelizmente, nos brios nacionaes indignados poderoso reagente que vos arranque ao torpor.

Cumprireis vosso dever, povo!

E' preciso que vossa energia, como em 1831, salve a nação e preserve o throno. E' preciso mais; que defenda contra a fatalidade que o coage nosso virtuoso imperador.

ERASMO.



II

Dizia um sabio dos tempos antigos, notavel pela excentricidade, que « dos animaes selvagens o mais perigoso é o calumniador e dos animaes domesticos o adulator. »

Ambas as castas, a que babuja e a que morde, constantemente vos cercão, povo. Preservai-vos d'ellas com igual cuidado: o veneno de qualquer é violento e mortifero.

A lisonja mais despejada com que vossos cortezãos costumão embalar-vos é a da liberdade, palavra tão inebriante para os povos, como a da belleza para as mulheres.

Ousão proclamar que sois um povo livre !

Essa grande falsidade, á força de repetida, tornou-se um mote de nossa politica. E' uma phrase ouca, mas sonora; produz bello effeito nos monologos da comedia parlamentar.

Pesa-me arrancar o povo brasileiro á essa doce illusão; e aggravar os males que o acabrunhão, com o desengano cruel de um bello sonho de quasi meio seculo. Mas é meu timbre a verdade; devo á magestade popular a mesma franqueza que usei com a magestade imperial.

Ouvi-me ! Entre as nações civilisadas não ha outra menos livre do que é presentemente o Brasil.

Parece-vos, cidadãos, que proferi uma blasphemia politica. Sem duvida nie julgaes hallucinado pela paixão, ou pervertido pelo interesse, pois me arrojai a semelhante acerto.

A nação brasileira menos livre que a França de Rouher, e a Prussia de Bismark ?

Pausadamente, com a consciencia aberta e a razão attenta, vos respondendo que sim. Ainda mais, affirmo que semelhante convicção está incubada no fundo de todo o espirito recto; e não se produziu sómente por um certo pudor da opinião.

Não contesto que exista em nosso paiz uma grande massa de liberdade, mais avultada do que na propria Inglaterra. Não fallo dos Estados-Unidos, porque ali reina o despotismo da multidão.

De tão enorme volume de liberdade, porém, a maxima parte jaz ainda em bruto, como a natureza de nossas regiões magnificas; o resto constitue o monopolio de um pequeno numero.

A liberdade no Brasil está, como dizia Nodier, na mão dos fortes e na bolsa dos ricos. Dos sobejos, que elles repartem, ou das migalhas que ficão pelo chão, vivem os fracos e os pobres; por outra, a maior parte da nação.

Paiz civilisado em relação aos costumes, vivemos ainda nos tempos selvagens da politica; o cidadão não vale na medida de seus direitos; mas sim na proporção dos beneficios que póde dispensar ou segundo o quilate das proprias forças.

Temos a gloria de possuir a mais liberal das constituições. Livro de ouro dos sabios patriarchas do imperio, figura como um código de moral politica, respeitavel pelo culto que as gerações novas costumão prestar aos seus progenitores.

Lei, porém, não é; carece de magestade e imperio; não a vivifica o espirito da soberania nacional; encerra apenas o conselho dos anciãos e as maximas de sua sabedoria.

Não está a situação patenteando a desconsoladora realidade?

Por menos livre que seja um povo, tem elle dois bens sagrados para o governo; e são, a substancia da vida — o sangue; o fructo do trabalho — o suor.

O tributo que o filho deve á mãe-patria á ella sómente cabe o direito de o exigir; o poder tem apenas o dever de sollicitar-o, como um dos meios indispensaveis para cumprir sua missão administrativa.

Os proprios reis absolutos, que dispuñhãõ dos povos como de um patrimonio da familia, respeitavãõ o sangue e o suor dos subditos. Só o empregavãõ no engrandecimento e gloria da patria commum.

Aquelles que esperdiçavãõ o precioso bem e exaurião o paiz, erãõ logo condemnados pela voz do povo ao labéo de tyrannos: galé perpetua da memoria execrada dos oppressores da humanidade.

Olhai neste instante para a velha Europa. Vereis como os soberanos da Austria, da Prussia e da Italia hesitãõ em disparar o primeiro tiro; e, comtudo, fundos rancores exaltãõ os brios nacionaes. Mas se alguns d'elles têm esbanjado os direitos dos subditos, ao menos do sangue são parcõs.

Entretanto, vós, povo brasileiro, não dispodes nem do suor nem do sangue vosso.

As provas se accumulão, insultando vossa magnanimidade.

Quizestes acaso esta guerra nefasta, que de repente se despenhou sobre o imperio, como um sopro da colera celeste? Abristes com as proprias mãos este abysmo para sorver milhares de vidas e os recursos de talvez um século de existencia?

Acredital-o, seria fazer violencia á verdade e injuria ao vosso bom senso. Aceitastes a guerra com dignidade, quando vistes a honra nacional compromettida; mas no amago da consciencia nacional está latente a indignação, que mais tarde ha de cahir sobre os obreiros da calamidade publica e assoberbal-os.

O brasileiro cordato e brioso almejava, é certo, pela mudança de nossa politica no Rio da Prata.

Duas phases já teve essa politica desde seu principio; na primeira, que data dos tempos coloniaes e prolongou-se ainda pelos primeiros annos do imperio, dominou o principio de conquista; na segunda, inaugurada em 1829 e sempre mantida até agora, mais ou menos habilmente, desenvolveu-se o systema da intervenção.

A expulsão de Rosas, o mais brilhante resultado d'essa politica sabia e moderada, foi tambem o desengano amargo para os homens eminentes que mais a havião trabalhado.

O illustre Visconde do Uruguay, o pensamento iniciador das negociações de 1851, e o lembrado Marquez de Paraná; o executor d'essa obra gloriosa, reconhecêrão antes mesmo de lhe pôr o remate, a impossibilidade de insistir no futuro sobre a continuação de semelhante politica.

O Brasil não podia representar eternamente o papel mesquinho de expulsor de caudillos, que renascião não das cinzas, mas da rabadilha um do outro.

Hontem Rosas, hoje Lopes, amanhã Urquiza, depois qualquer outro, e talvez dos nossos pretensos amigos.

Não são cousa vil e somenos as vidas e cabedaes de uma nação nova, para derramal-os á profusão na terra estranha e ingrata, onde a boa semente só brota profundos rancores, miseraveis improperios!

Um novo systema, de abstenção e sobranceira, sem duvida formulou-se no alto senso dos dois estadistas promotores das negociações de 1851. O certo é que desde então começou elle a filtrar na convicção dos cidadãos attentos a essa magna questão.

Ultimamente estava a idéa radicada no espirito publico. Esperava a nação, que o primeiro impulso dado pelo governo á politica platina, depois da pausa havida, seria naquelle sentido, para firmar a attitude sobranceira e digna que convém a um grande imperio em face de pequenos estados.

O Brasil não precisa do territorio de seus vizinhos, pois o tem de sobra e uberrimo; tambem não é essencial para seu bem-estar a paz e equilibrio das republicas americanas. A politica de intervenção fôra sobre tudo philantropica: exprimia a caridade internacional de um povo por seus irmãos dilacerados. Quanto ao interesse que nosso paiz tirava d'ella, reduzia-se aos subsidios ou emprestimos não pagos, além dos onus de uma guerra sempre imminente.

Grande e amarga foi, portanto, a decepção do paiz, quando vio pasmo, uma nova situação que se dizia salvadora, ir catar na guarda roupa do passado, a diplomacia já abandonada ao pó e ás traças.

O Brasil tinha sem duvida para o futuro uma guerra em aberto com as republicas do Prata, não esta ou aquella, mas com todas. Nossa historia guardava paginas em branco, esperando o registro de muitas e brilhantes victorias.

Era um legado transmittido pelo sangue heroico de que provimos. Os manes de Affonso Henriques e D. João 1.º exigião esta homenagem.

Era uma divida sagrada á memoria dos valentes soldados portu- guezes que desde o século 17 defenderão, contra a cobiça castelhana, a fronteira sul do Brasil. Era um empenho que contrahimos com a Providencia quando ella nos assignou a primazia na America do Sul.

Isto como raça.

Como povo, a guerra exprimia a reparação de um longo passado de injurias, e a imposição solemne da nova politica. Seu resultado infal- lível havia de ser a definitiva solução de todas as questões pendentes, e o respeito que aplainaria qualquer futura difficuldade.

Mas essa guerra, immensamente popular no Brasil, essa guerra justa, util e gloriosa, é por ventura a ruinosa complicação que nos forjou o tino dos progressistas?

De fórmula alguma.

Aquella guerra era uma questão de futuro para a qual nos devia- mos preparar com todo o cuidado; senão por necessidade, ao menos por decencia. E' indecoroso para o gigante lutar com o homunculo; castiga-o e passa além.

Ainda mais, as tradições nacionaes, as justas susceptibilidades da raça, impunhão ao Brasil a obrigação indeclinavel de fazer a guerra, só e exclusivamente. A alliança com o inimigo de hontem e de amanhã, será admissivel em uma questão de interesse ; mas em ponto de honra nacional é trahir o povo ou menoscabal-o, acceitar o superfluo concurso de quem já o ultrajou cobardemente.

Qual honra é uma que se accomoda á injuria atroz para vingar outra injuria ? Será decorosa a desaffronta da dignidade nacional comprada com uma longa serie de humilhações ?

A sedição evasiva é que fomos provocados.

Não acrediteis em tal mystificação, povo. Foi vosso governo, de sua propria vontade, que no remanso da paz e quando tratava de ainda mais desarmar o paiz, lembrou-se de repente de enviar ás margens do Prata dois emissarios para nos importar a guerra.

Os indios de nossas florestas tinham essa usança. Como o combate lhes era alegria e festa, quando passavão algum tempo sem elle, fazião partir um ou mais guerreiros para o campo dos inimigos a fim de provocal-os com alguma fanfarronada. Chamava-se isso *buscar a guerra*.

Assim fizerão conosco : em maio de 1864 partirão os emissarios ; mas a guerra desencadeou-se com tal furia que os espavorio.

Hei de escrever mais tarde a historia d'esta guerra tão repassada de heroismo brasileiro, quanto repleta de erros e desvarios. Agora não ; o presente aqui está conosco instante e despotico, que não consente volver ao passado.

Tenho eu razão de afirmar que não sois um povo livre, quando sem vosso consentimento se decreta uma guerra, sorvedouro de vosso sangue e suor ?

Nossa constituição, essa velha cartilha que os politicos de hoje só estudão, como os navegantes sondão os escolhos, para os evitar ; nossa boa e leal constituição dispõe que ao poder executivo compete *declarar a guerra e fazer a paz*.

D'este preceito se ajudarão os fabricantes da grande calamidade publica para, de surpresa, sem audiencia da nação, na emergencia dos embaraços financeiros, arrastar-vos a uma luta desastrada.

Se o legislador constitucional, ao escrever aquellas palavras, presentisse o que seria o poder executivo de sua patria nos annos da desgraça de 1863 até. . . . , certo que a mão lhe tremêra. Talvez prefe-

risse deixar na grande obra uma falha; á consagrar com a magestade legislativa a futura ruina do joven imperio americano.

O governo arrogando-se, á sombra d'aquelle artigo, uma prerogativa soberana da nação, inaugurou o mais cruel despótismo.

O direito de paz e guerra é o direito de vida e morte do estado; é ainda mais, o direito da gloria ou opprobrio de um povo. Armado com a feitura e execução da lei, os despotas opprimem um paiz e o mutilão; investido por ventura do poder belligerante um governo considerado pôde assassinar ou deshonorar a patria.

Era possivel que o povo brásileiro da independencia, que recebeu o baptismo da liberdade nos carcereos e patibulos do absolutismo, se despisse d'essa porção mais importante da propria soberania para a dar ao governo?

Ninguém ha que o pretenda. O direito de paz e guerra pertence á nação, que o exerce pelos seus immediatos representantes: a constituição foi positiva.

O nervo da guerra é o dinheiro; o musculo é o soldado. Ambas essas fibras se prendem ao povo. A iniciativa do imposto de sangue e suor pertence ao ramo temporario da legislatura; é tambem aos deputados, representantes da democracia, que o governo pede as leis annuas de força e orçamento.

Ha na guerra, como em qualquer outro facto governamental duas partes, a deliberativa e a executiva; a primeira é a lei; a segunda o acto.

A deliberação da guerra, o estudo de sua necessidade e alcance, pertence ao poder legislativo; as forças e orçamentos extraordinarios são a lei que decreta o estado bellico.

O acto do governo, simplesmente executivo, consiste na declaração da guerra e sua direcção até a oportunidade de celebrar uma paz digna e vantajosa.

E' só a execução do mandato legislativo que a constituição outorgou ao governo no art. 102. Essa faculdade não tem alcance e natureza diversa das outras.

Tambem o ministerio nomêa empregados, provê beneficios, concede titulos, vela na segurança publica; mas dentro da órbita da lei. E' executor e não legislador.

Suscitar uma guerra, sem ter obtido da assemblea geral, com os meios essenciaes a approvação legislativa, e uma traição á patria. Seja

embora a guerra injusta e desastrosa, a honra nacional porá em coacção os representantes do paiz.

Sois livre, povo brasileiro, vós, cuja vida e morte, cuja honra e humilhação, dependem da bilis de um só ministro?

Já a luva de uma duqueza, tarde apanhada, deu causa á conflagração da Europa. Ao menos fizeram as nações provas de galanteria.

Na America do sul foi tambem um arrufo o motivo da guerra actual; arrufo, não de duqueza, mas de vaidade igualmente susceptivel. Um chefe parlamentar se amouu por causa da poltrona senatorial.

Se o governo, declarando a guerra por sua conta, ao menos tivesse com o parlamento a cortezia de o instruir dos acontecimentos! Nunca o desdem pela assembléa geral se ostentou com desgarro maior; parece já brasão e timbre da farda ministerial.

O que têm feito vossos representantes em relação á esta crise tremenda?

Duas vezes, o anno passado e este, votárão de tropel, em horas escassas, resoluções mal amanhadas, ou antes cartas brancas ao ministerio para gastar do sangue e suor brasileiro larga porção esmada á fantasia.

Passou a axioma, que vossos presumidos representantes não são os verdadeiros escolhidos do povo. Ninguem ignora que o voto, que já sahe das urnas polluido, mais se deturpa nas cercanias do poder.

Entretanto basta o titulo de representante da nação para excitar a invencivel repugnancia do governo. Elle soffre a presença das camaras com um tedio e irascibilidade que nem mais procura disfarçar.

Lembraes-vos de Mirabeau? Era uma alma originalmente aristocratica, na qual não obstante a verdade derramava profundas e esplen-didas irradiações democraticas.

Propunha elle como um dogma constitucional a permanencia da sessão legislativa durante a continuação de guerra. Seria o parlamento a fonte de força e opinião, onde sob essa crise melindrosa, o governo fôsse constantemente acrisolar a acção administrativa e receber nova pujança

O governo brasileiro, não sómente esquivou-se de apressar a reunião do poder legislativo quando ateou-se a guerra, mas levou o menoscaio ao ponto de o despedir, como um credor importuno. Bem entendido, depois de obtida a réforma da letra.

Durante esta guerra o poder legislativo não fez mais do que uns remendos informes ás leis annuas.

Apenas o anno passado amanhou essa tarefa ridicula, deu-lhe férias o gabinete. E' natural agora que o enxote de uma vez, para livrar-se do ruido incommodo das discussões.

O governo deseja concluir a guerra; e a assembléa geral o atrapalha nesse importante trabalho. Já basta a impertinencia de algumas vozes soltas que na imprensa destoão do *laus perennis*.

Muito bem, senhores. Acabai de provar a este povo, que elle está bem longe de ser um povo livre; tirai-lhe a ultima illusão, para que enfim se recolha ao silencio e á resignação perdida até a velleidade da queixa.

ERASMO.



III

Se exaurindo teu sangue e suor, infeliz povo, ao menos regassem com elles os louros nacionaes !....

Ah! Eu vejo agora a figura solemne da patria, que assoma ante a mente respeitosa. Traz lagrimas nas faces e luto dentro d'alma.

As lagrimas são de consolo ; correm pelos filhos valentes que morrerão pelejando com denodo no campo da batalha. Mas o luto é acerbo e pungente ; o Brasil o sente pela sua honra de nação vilmente sacrificada.

E' tempo de soltar um brado de indignação contra essa lenta e fria ignominia á que filhos ingratos condemnarão a mãe-patria. Praza aos céos que a esta hora os soldados brasileiros tenham enfim vingado com uma batalha esplendida nossos brios conculcados.

O abysmo nos invoca. Só não o vêm diante aquelles a quem hallucina a vertigem do poder. Esses, enquanto o paiz estorteja, deleitam-se na compostura de phrases perluxas e nos guisos de suas oucas palavras. Pensão elles que se conjura calamidade tamanha com a fôfa presumpção e o talento da ninharia.

Não bastão vinte longos mezes de aviltamento para patentear a incapacidade da facção que arrastou o Brasil a uma guerra nefasta ?

De dia em dia nos aprofundamos na abjecção e improperio. Se o obscuro cidadão, perdido na turbamulta, já sentio mais de uma vez queimar-lhe o rosto a vergonha de sua patria ; que não será da face augusta, para onde volvem os olhos do mundo, a contemplar nossa attitude em tal momento !

Quero fallar sem paixão. Calco os assomos que me assoberbão ; declino de attenções pessoaes e considerações politicas. Quando se trata de salvar o decoro do nome brasileiro, só conheço um principio, — o pundonor.

Esta lauda da nossa historia relata á humanidade mais um exemplo

do triste phenomeno a que estão sujeitos os povos, como os homens. Fomos victimas de subita demencia politica; estranha revulsão sopitou em 1864 o bom senso nacional. Os comicos episodios da questão ingleza já annunciavão os prodromos do mal.

A epocha infeliz que vamos atravessando não é realmente outra cousa senão um grande e longo desvario da razão publica. Incompreensivel insania transformou em desassisado libertino o circumspecto e prudente imperio da America do Sul.

Quem recorda a prova gloriosa de sensatez que em 1831 deu o povo brasileiro, acephalo e privado de seu chefe natural, pasma ante o assombroso espectaculo da actualidade.

Em annos anteriores o absurdo surgia a periodos como o grande resolutivo de nossas questões politicas. Desde certo tempo passou a estado permanente e chronico. Seu dominio foi com a ascensão da liga definitivamente inaugurado na alta direcção do paiz.

A guerra que sustentamos é desde sua origem um tecido de incongruencias e desacertos. Só ha em toda ella de nobre, digno e consolador, a intrepidez de nossos marinheiros e soldados. Virtude espontanea do homem e do povo, produzio-se independente do governo, e apesar dos estorços adrede empregados para abafal-a.

E' incrível! A tactica d'esta guerra parece dirigida ao fim inaudito de fazer do soldado brasileiro um cobarde. Mercê de Deos não o conseguiu: a soffreguidão do inimigo por fortuna desencadêa as vezes o valor de nossos bravos, que deprime ainda a culposa indolencia do governo e seus agentes.

Desde o começo da luta até o presente, mais de anno, ainda não ferimos um só combate por impulso e arrojio proprio. Nossa missão parece a defensiva; é o inimigo, cansado de esperar, quem se atreve a affrontar-nos em nosso proprio acampamento.

Invadidos ou atacados, eis como se batem os exercitos alliados. Para dar um passo avante aguardão os tardos generaes com paciencia inesgotavel que o inimigo nos abra espaço.

Foi justamente na occasião em que verificámos o completo desarmamento do paiz, a proposito da questão ingleza; quando o horisonte de nossa politica interna se toldava com as graves complicações economicas; foi nessa delicada emergencia, que de chôfre, sem preparativos, o governo brasileiro provocou o estado do Uruguay.

A' repentina attitude bellica deu-se como causa apparente e confessavel, a tolerancia da republica visinha a respeito dos attentados commettidos contra cidadãos brasileiros dentro de seu territorio e em nossas fronteiras.

Mais nobre e poderoso motivo de guerra não o ha. Um só compatriota insultado impunemente em paiz estrangeiro bastava para commover nossos brios, sem comtudo perturbar a razão nacional.

A facção que havia á sombra da violencia britannica empalmado uma situação, tirou da nova injuria pretexto para uma politica externa que disfarçasse a intestina dissolução. Se ao menos, posta a nação ao serviço de interesses partidarios, lhe esbanjassem unicamente a riqueza, mantendo illesa sua honra!

Mas que fizerão até agora em desafronta da injuria?

Precipitarão o paiz de sobresalto em uma guerra desastrada para obter satisfação dos agravos soffridos na pessoa de nossos irmãos.

Entretanto, depois de bravatas improprias de uma nação que se respeita, obrigarão o imperio a assistir impassivel aos novos insultos e vilanias commettidos no Rio-Grande pelos caudillos Munoz e Apparicio, até hoje impunes.

O heroismo de nossos bravos expugnou com sublime, mas não inimitavel temeridade, a praça de Paysandú, onde novas affrontas erão diariamente lançadas ao Brasil. Soltarão sob palavra os vis e traçoeiros inimigos!

Em Uruguayana, os destroços de uma força paraguaya extenuada desfalleção á penuria. Esse bando de assassinos não recebeu uma prova sequer de asco e horror. Offerecêrão-lhe em nome dos brasileiros as condições de uma honrosa capitulação!

Valia a pena de empenhar-se o paiz em uma guerra desastrosa para alcançar tantas humilhações?

Se a honra, vida e propriedade do cidadão brasileiro é cousa somenos ao juizo do governo, que elle perdôa em Paysandú, Montevidéo e Uruguayana os mais graves attentados contra aquelles direitos sagrados, como explicar o melindre de pundonor no momento de emprehender estouvadamente a guerra?

De que servio ao Brasil correr ás armas para garantir no futuro uma de suas fronteiras contra as aggressões dos orientaes; quando nessa mesma occasião deixava o governo ao desamparo e franca aos paraguayos outra e importante fronteira, abandonando assim criminosamente Matto-Grosso á ruina e assolção?

Em um momento a offensa á pessoa dos brasileiros é uma injuria atroz que brada vingança, um caso de guerra indeclinavel e urgente, pois não attende á situação difficil do paiz. Logo após essa mesma offensa ou ainda mais revoltante torna-se um acto sem imputação praticado por barbaros, para quem devemos, nós povo civilisado, mostrarmos sobranceiros e generosos!

Meu Deos! Quanto são prodigos da honra e sangue da nação os homens que se erigirão em arbitros de seus destinos?

Se nossa missão nas republicas hespanholas era toda de unção e paz, realizal-a pelas armas parece um grande desatino. Pois tinhamos de perdoar os flagicios de nossos irmãos e as offensas da patria, fôra mais digno, economico, e sobretudo mais humanitario, perdoar em principio, antes do fatal *ultimatum* de 4 de agosto.

Então perdoariamos um simples desacato e poucas vidas. Não ab-solveriamos, como depqis succedeu, insultos crueis; nem lamentaria-mos milhares e milhares das existencias tão escassas ainda para este vasto territorio!

Depois da rendição de Uruguayana que fizemos ainda para des-affronta da dignidade nacional aggravada?

Marchou o exercito aliado para as margens do Paraná, mas com a prudencia necessaria para não surprender o inimigo, deixando-lhe tempo folgado de se recolher a seu territorio e fortifical-o.

Não restava já um só paraguayano em Corrientes quando levantou o exercito seus quartéis de luxo para acampar nas margens do rio, frente ao inimigo.

Durante mezes, que forão seculos para a honra nacional, ali permanecêrão na mais vergonhosa incuria as forças brasileiras. O sangue precioso de nossos irmãos não corria no campo da batalha, regando os louros da patria; mas a febre os consumia nos hospitaes.

A mais forte armada e o maior exercito da America do Sul esbar-rarão ante alguns troços de miseravel tropa recruta, abrigada por tóscas paredes ensossas!

Debalde a coragem entusiasta do soldado brasileiro o arrojava; debalde anciavão combater os jovens guerreiros acudidos ao grito da patria; a incomprehensivel indolencia dos generaes comprimia os nobres arremessos, prenuncios da victoria.

O exercito passou revista de mostra em grande gala; chegavão uns após outros os boletins das curiosas evoluções dos altos personagens; os jornaes, baldos de noticias, se occupavão em referir os jantares e abraços dos generaes.

Nesse ridiculo açodamento esvaía-se toda nossa actividade. E assim dilatou-se cruelmente a amarga decepção que desde os primeiros ar-reganhos em frente a Montevideo confrange e angustia nosso pun-donor.

Era necessario, porém, acalentar a impaciencia publica. Começarão a vir da campanha noticias atterradoras sobre as difficuldades da pas-

sagem do rio. Os obstaculos se antolhavam formidaveis; a perda havia de ser immensa.

Improvisados Homeros de caricatos Achilles preparavam o scenario para a morte de Heitor. A população, sincera e desprevenida, acreditou na descripção exaggerada, e aguardou, em solemne e grave silencio, as glorias enramadas de luto da gigantesca batalha.

Correu o tempo.

Emfim chegou-nos a nova cançada, não da pejeja heroica e brilhante, que devia abrir uma longa serie de victorias; mas de um combate no genero de Cervantes.

D. Quixote, de lança em punho, atacára o moinho paraguayoy!

Riso e motejo nos labios de um brasileiro, quando a patria veste luto?

Estè riso, cidadãos, é o riso acerbo da angustia. O prazer dilata a alma; a dôr a confrange; qualquer d'estes movimentos leva a lagrima aos olhos, o sorriso aos labios. Choramos no auge da ventura; rimos nos transe da maior afflicção.

O motejo aqui não passa de uma abusão do espirito. Pensamos aturdir com a zombaria o pezar que nos assola, e talvez submergil-o no fel que sempre costuma o sarcasmo extrahir do coração humano revoltó.

Em face do spectaculo contristador do exercito e armada brasileira, esbarrados ante os bandos de um caudillo, não ha outra expressão para tamanho soffrimento senão o riso.

Pois o general, chefe de um exercito, representa o papel de cosaco, para investir de lança em punho com um piquete de doze homens, a margem inimiga e explorar os arredores?

Emfim, pisavamos terra paraguaya; o paiz inteiro encheu-se de jubilo ao receber d'esta noticia. Desvanecidas as tristes apprehensões, apagou-se tambem o justo resentimento do passado. O espirito publico pairou outra vez na intensa esperanza da grande batalha.

Nova e cruel decepção! Avançamos apenas duas leguas em territorio inimigo e estacamos. Invasor, queda-se o grande exercito á sombra da esquadra e não avança um passo. Criou raizes ali nos charcos pestiferos, que envenenão diariamente nossos bravos soldados.

E' o invadido quem busca o invasor, e esforça para o expellir de seu territorio. Ligeiras escaramuças e dois combates forão provocados pelo paraguayoy. O de 2 de maio, fatal surpresa que patenteou uma verdade já suspeita; a inhabilidade da alta direcção da guerra. O de 24 de maio, grande carnificina; duas multidões a se cortarem sem o menor vislumbre de estrategia, ou um esboço sequer de plano de batalha.

Que se batão assim os paraguayos, os argentinos e orientaes, não ha que admirar ; são guerrilheiros, nunca forão soldados : seus generaes são commandantes de cavallaria ; sabem dar a carga e fugir. O Brasil, porém, tinha indeclinavel obrigação de fazer a guerra civilisada ; a guerra da tactica militar, que abrevia a luta e evita a grande effusão de sangue.

Os matadouros de gente, a carnagem feroz de homens, são dos tempos barbaros e dos povos rudes. A guerra então é vingança ; o combate um assassinato por multidão.

Nobreza exige. E' forçoso que o Brasil mantenha seu nome de nação culta e de segunda grande potencia da America ; ou então se reduza a uma terra de mercadores.

Se o imperio tivesse um general e um almirante, Lopes estaria vencido a esta hora e Humaitá arrasado, com immensa economia de sangue e dinheiro. Mas, infelizmente, á frente de nossas forças de terra e mar, só vejo uma lança e um sabre ; lança valente, sabre illustre. Mas não bastão !

Para a victoria esplendida, sóbria de sangue e fecunda em resultados, é necessario a mão vigorosa que saiba manejar os exercitos ou as esquadras, como o bravo marechal Osorio brande sua lança gaúcha, e o denodado Tamandaré esgrime o sabre de abordagem.

Eis o que nos falta ; é essa mão.

Tivessemos estadistas no governo que elles havião de a ter já adivinhado, embora desconhecida, e talvez mesmo occulta pela modestia. Os generaes não se fazem, nascem ; a praça sómente serve de os completar e robustecer.

Propala-se que o exercito brasileiro não avança, porque lh'o inibe a vontade suprema do general chefe das forças alliadas, o presidente Mitre.

Semelhante razão, a ser verdadeira, é em tudo conforme com o geral desmancho d'este tempo. O tratado da triplice alliança, pagina infeliz da nossa diplomacia, que talvez seja ainda arrancada dos protocollos brasileiros ; essa doação não insinuada de nossa gloria, sangue e ouro ao estrangeiro ; não foi ao ponto de jungir-nos assim á soberana vontade do presidente da republica Argentina.

Cedemos muito ; mas parece que ainda não abdicámos a nossa independencia !

A mente vacilla a quem attenta para as hallucinações d'esta politica.

Que significação tem a *honra nacional* para os homens que arras-

tirão seu paiz a esta situação desesperada, illudindo-o com aquella senha veneravel a todo o povo nobre e independente?

Attendei, cidadãos, e affrontem-se vossos brios.

Acatarão os dominadores a honra nacional, rebaixando o imperio offendido ao ponto de enviar seu representante á barraca do cabeça de uma rebellião para solicitar a paz, que facilitasse a negociação diplomatica?

Não fôra o Brasil um estado offendido, podia prestar esse officio de amizade, como fez Inglaterra. Na posição de ameaça em que se achava collocado, aquelle procedimento foi indecoroso e funesto: o infeliz desfecho da questão oriental ali está incluso naquelle ominoso germen.

Prestarão culto á honra nacional soffrendo que o chefe de uma divisão da armada brasileira, depois da intimação das represalias, se offerecesse a saudar o pavilhão oriental á simples reclamação do general Flôres, e por virtude da caça a um vapor da republica?

A bandeira oriental, symbolo da soberania que nos offendêra, e se negára á satisfação exigida; a bandeira oriental, saudada pelas armas brasileiras, já em attitude ameaçadora e começo de hostilidades!... Que ludibrio!

E' respeito á honra nacional o silencio profundo em que forão de uma vez sepultados os compromissos tomados pelo estado do Uruguay e garantidos pelo convenio de 20 de fevereiro?

O paiz se recorda que o general Flôres empenhou sua palavra como garantia á severa punição dos desacatos feitos á nacionalidade brasileira. Uma nova missão extraordinaria partio para obter a fiel execução do compromisso. Até o presente sómente constou que Munoz ia bater-se contra o Paraguay, insultando com sua presença nosso exercito e profanando com sua participação a nossa causa.

Foi em homenagem á honra nacional que o Brasil, primeira potencia da America do Sul, cedeu o commando de suas forças, muito superiores em numero, aos generaes de estados de segunda ordem?

No momentó de celebrar-se o tratado da triplice alliança estava conhecida e limitada a séde da campanha; não podia ser outra senão a área da provincia de Corrientes. A clausula da reciprocidade estabelecida a respeito do generalato, conforme o territorio onde operassem os exercitos, não passou de uma burla. Foi engodo á nimia condescendencia d'este povo bom e paciente.

A impericia e apathia dos directores da nossa politica frustrarão, é certo, a previsão dos fabricantes do tratado da triplice alliança. Nossa fronteira de S. Borja ficou exposta á invasão; uma força paraguaya

penetrou até Uruguayana. Ainda ahi, para cumulo de vergonha, veio o estrangeiro disputar-nos a primazia do commando.

Deu tambem o governo prova de zêlo pela honra nacional, desafiando nossos batalhões para os collocar sob ás ordens immediatas de officiaes estrangeiros, roubando ao paiz a gloria e os feitos d'essa porção de bravos ?

Soldados brasileiros compõem a maxima parte do exercito de um alliado, como attestão os documentos authenticos. A auriflamma que forão desaffrontar não marcha galharda e sobranceira á sua frente, para lhes infundir o orgulho nacional ; vai abatida ante os estandartes ainda hontem inimigos, e nunca affectos, embora hoje associados.

Ah ! cidadãos !... A patria madrasta não tinha o poder tyrannico de engeitar seus filhos. Foi coagida a commetter tão grande impiedade. Inflingirão-lhe mais este dezar.

Basta de desdobrar paginas lutuosas. Praza aos céos que a bala de nossos canhões e a espada de nossos bravos cedo as dilacerem para satisfação dos brios nacionaes e rehabilitação do nome brasileiro.

Não é preciso compulsar as actas da guerra. Eis a bradar na consciencia publica, a revelar-se no geral desanimo, a patentear-se no desgosto do exercito e armada, a dura verdade que opprime e esmaga esta situação.

Aquelles que dissimularão os assassinatos perpetrados no acampamento contra os soldados brasileiros, e não exigirão a prompta e severa punição do crime com receio de estremecer a alliança :

Aquelles que, depois de haverem tirado do paiz levas numerosas e valentes, deixão a apodrecer no acampamento os batalhões e merca-dejão as minimas vantagens que devião conquistar em multiplo pelas armas :

Aquelles, finalmente, que expõem o imperio brasileiro á irrisão do mundo, fazendo-o, ha mais de anno, mesquinho e fraco diante da insignificante republica do Paraguay :

Esses, mãos ou infelizes cidadãos, não são os propugnadores da honra nacional, mas os fautores de nossa vergonha e opprobrio.

ERASMO.



IV

E' umescarneo, um grande escarneo, o titulo pomposo de nação livre com que nos ostentão ao mundo.

O despotismo impera no Brasil; a irrisão, que lhe amenisa a fórma, inda a mais punge a alma do cidadão. A força bruta reveste em sua mesma fereza certa magestade do leão: o escarneo descara a feição ignobil da intelligencia; é o abutre do espirito humano.

Era grave e sincero o antigo despotismo. Opprimia sem rebuço, combatia a rosto descoberto; de um lado o rei, do outro o povo: dous atletas. O rei tinha a dignidade do conquistador; o povo conservava o pudor e brio do vencido.

A grei humana foi assim educada durante seculos para a liberdade. Deos empunhava os reis, como um latego; *virga mea*, diz a santa escriptura. Sua mão omnipotente fustigava com este instrumento de castigo os povos corrompidos.

Agora o povo se fez homem; á infancia succedeu a virilidade. Aquelle despotismo franco e decidido só póde reinar entre as nações que vivem ainda na penumbra da civilisação.

Na esphera da luz, a clausura de um povo tornou-se impossivel.

A liberdade não é mais a seita de uma raça, é o catholicismo politico: enche o universo. O despotismo já não póde viver no seio da civilisação, senão sob a mascara; fez-se hypocrita e reina pela astucia.

Se fosse posivel erigir actualmente uma das antigas monarchias absolutas, breve esse paiz ficára reduzido á uma grande solidão de homens; só permanecerião os que nascem para servir; os cidadãos buscarião em qualquer canto do mundo nova patria.

Não vos fascinem, pois, brasileiros, as phosphorescencias de liberdade que scintillão a furto no seio desta noite sinistra de nossa existencia politica. São os fogos fatuos do máo espirito, que nos extravia.

A franqueza com que profiro estas verdades; a audacia de me dirigir ao povo, nome agoureiro que estremece a gente dominante; cuidais vós, cidadãos, que sejam symptomas de liberdade ?

Illusão !

A poderosa liberdade do pensamento, garantida pela constituição brasileira ; a voz solemne e vibrante do povo, não é de nosso paiz. A imprensa e a tribuna existem entre nós por mera complacencia: ha tolerencia e favor, direito não.

Escrevemos sem previa censura ou confisco, porque nos relevão semelhante fantasia. E' um folego para que a opinião comprimida não suffoque, destruindo o sainete da oppressão. Realmente o despotismo sobre a materia bruta deve ser monotono e charro; o picante está na reluctancia.

E corre porventura a gente do governo algum risco por causa dessa condescendencia que usão com os espiritos inquietos ?

Nenhum por certo. A dóse de liberdade de pensamento que nos coube em partilha é minima, e muito inferior áquella que Napoleão III outorgou ao povo francez. Não se discute naquelle paiz muita cousa que entre nós está ao alcance de qualquer ; não ha direito de exame sobre as instituições e actos do governo.

Mas que importa ? A opinião é incompressivel; através das restricções em que a pretendem encerrar, escapa uma palavra, um grito, um sarcasmo. E' a gotta de oleo que filtra do vaso e cahe sobre a tela: insignificante agora, logo se propaga com incrível rapidez. E a grande nodoa ahí fica indelevel no espirito publico.

Demais nesse foco de civilização que abrange o centro da Europa, nenhuma idéa póde ser abafada. Se a sopitão alli no solo francez, ella mina surdamente e vai fazer explosão além, na imprensa ingleza, belga ou allemã. A opinião que se quiz desviar de seu curso reverte com força maior.

Em uma população illustrada e activa a absorpção da idéa se faz

quasi instantanea. Cada cidadão é um poro que perspira e transpira incessante esse ambiente vital do povo, que se chama opinião.

Quando, porém, a população jaz na indolencia, ou está ainda em geral submergida na ignorancia, o pensamento não póde livremente circular. Por maior força que o revista, elle não penetra jámais a flaccida superficie da indifferença.

Quanta influção tem no paiz a alluvião de palavras, que diariamente se despenha da tribuna parlamentar ou se espraia na imprensa ?

Que peso exercem no espirito publico as lições da sabedoria e experiencia do conselho dos anciãos, ou a palavra magistral e unguida pela sinceridade, de um veneravel Itaborahy ou de um provector Pimenta Bueno ?

A influção e o peso da gotta d'agua.

Nem ao menos é a gotta na lapida rija, onde sempre cava á força de bater ; *guta cavat lapidem*. Não passa de um pingo no oceano ou da restea no bojo amplo, *in gurgite vasto*. E' o imperceptivel no immensuravel.

O governo descansa, pois, tranquillo a este respeito; imprensa e tribuna são innocentes folguedos para o nosso povo menino. Brincando esse jogo de liberdade, não cura elle do bem real.

Tambem o imperador dos francezes concedeu aos seus subditos o suffragio universal e consta recentemente que o rei da Prussia deseja imita-lo. E' uma teteia politica semelhante á nossa imprensa livre.

Se alguma vez apparece uma travessura mais forte que de leve incommode os dominadores, sabem elles o segredo infallivel de a aplacar immediatamente. Murmurão ao ouvido alguma insinuação, e depressa paixão adiante ; excellente meio de deixar atrás a censura.

Um exemplo. Estas cartas parecem a alguns dos nossos senhores, inconvenientes, a outros extravagantes. Nenhum delles, porém, affianço, ousará contesta-las. E para que ? Basta-lhes soprar na docil consciencia dos satellites ; e em breve um susurro se derrama pela cidade.

Esse susurro não diz, mas infiltra, de uma banda, que estou fazendo a propaganda do absolutismo ; da outra que provoço o

povo á revolução. Como a novo Protheu me emprestão mil fórmãs: ora me apontão através dos reposteiros imperiaes, ora julgão roçar-me nas escadas grimpantes do poder.

Deploravel paiz, onde não concebem o povo senão como o tapete rapado dos dominadores, ou o tecto do edificio social que abate; inerte ou revolucionario, lesma ou hydra.

Abominavel tempo, no qual é aulico todo cidadão que tribute justiça e respeito ao monarcha; e plebicola aquelle que esforça abalar o povo para o arrancar á indolencia.

A verdade, porém, é, que taes infiltrações subterraneas da aleivosia no espirito pensante do paiz são mais poderosas que a palavra energica do escriptor atirada ás turbas. A chamma desta se apaga cahindo de arremesso no chão; a faisca da outra vai se propagando, sempre e surdamente.

O povo lê pouco, mas escuta muito o que se diz em voz submissa.

Crêde-me, pois, vós que me ledes antes por curiosidade do que por patriotismo; crêde que não somos um povo livre. Temos senhores, pela unanime e tacita aclamação da indolencia nossa. A fantasmagoria parlamentar que existe no Brasil, não é, como lhe chamão, governo representativo, sim representação de governo.

Cause ella algum embaraço maior; o panno cahirá; e os espectadores da comedia que recolhão ao silencio, á sujeição, á obediencia passiva. Com uma só palavra supprimirão a imprensa, a tribuna, o voto, o jury, todas as instituições democraticas de nosso estatuto fundamental.

Duvidais acaso?

Não vos arrastarão a uma guerra desatinada e imprevidente? Não vos carregarão com o peso enorme de uma divida espantosa? Não escarnecem de vós ha um anno, deixando-vos sem instrumento de permuta para as primeiras necessidades? Não zombão de vossa longanimidade distinguindo de preferencia com honras e titulos os homens que compromettem a patria? Não menoscabão diariamente o parlamento redusindo-o á uma aula de controversia?

Que fizestes?

Soffrestes impassivel. Assim haveis de soffrer que vos arranquem um por um os trapos de liberdade que mal cobrem já as vergonhas de um paiz, livre nascido, e fadado para altos destinos.

Não tendes consciencia da força immensa que reside no povo, como o tufão encadeado no seio da nuvem! A opinião é a rainha do universo; sua pujança é irresistivel; sua magestade esplendida. Fazem-lhe a côrte os monarchas e príncipes, os celebres e illustres. Quanto ha de grande e sublime na terra se acotovella no supedaneo desse throno popular.

Opprime-se um povo que se levanta armado para a luta; decepa-se o braço da revolta como se corta um madeiro; varre-se a multidão na praça como se arrasa a mais elevada montanha.

Não ha, porém, na terra, poder capaz de abater um povo que pensa e quer energicamente: um povo robustecido pela convicção profunda da soberania e solidado com a firme adhesão das idéas. Este é o Antheu da civilização moderna, para o qual Deos só creou um Hercules, o direito.

O povo brasileiro tem na sua historia a viva experiencia das duas forças: a força bruta e material da revolução; e a força intelligente da opinião.

Todas as vezes que o braço popular se armou neste paiz para a revolta, cahisse elle abatido pela autoridade, ou se repousasse depois do triumpho, o effeito constante e manifesto foi sempre um passo avante na degradação da liberdade brasileira.

Parta-se da independencia.

Em 1824 houve a revolta de Pernambuco, logo debellada. A consequencia ninguem a ignora: D. Pedro I, que de sua propria iniciativa offerecêra á recém nação uma constituição eminentemente liberal, profanou sua bella obra, creando os tribunaes de sangue chamados juntas militares.

A constituição deflorada em seu berço: eis o fructo do primeiro erro.

Em 1831 a revolução ergueu o collo na capital do Brasil. O fundador do imperio não aceitou a luta com a patria que elle creára; de

todos os rasgos de heroísmo de que está cheia sua vida, nenhum foi mais do que este sublime. O povo triumphou sem combate.

Marchou, porém, a liberdade depois do sete de Abril?

Passados os primeiros enthusiasmos, achamos em 1837 a nação a debater-se nas garras da anarchia. O partido liberal, impotente para defendê-la, se retirava do poder esmorecido: o partido conservador a salvou.

Em 1840 um sopro de agitação, uma effervescencia popular, passou; desta vez não se tratava de abdicação, sim de coroação; era a revolução imperial. O partido que a promovera cedo recebeu a punição de sua culpa; o poder que havia conquistado infringindo a constituição escapou-lhe das mãos.

Tentarão os liberaes apoderar-se delle no campo da batalha. Minas e S. Paulo se armárão; forão vencidas; e das cinzas da revolta nascêrão todas as leis homicidas da liberdade, que hoje nos parecem oppressivas e naquelle tempo forão salvadoras. Depois de 1842 a liberdade declinava sensivelmente no paiz; em 1848 começou a agonisar.

A revolução armada, pois, é no Brasil, o que ha sido em toda parte, a febre da liberdade; febre maligna, que traz a vertigem, o delirio e finalmente a consumpção.

Outr'ora, em tempos que fogem de nós, a arvore da liberdade carecia de ser regada com sangue para florescer. O pensamento não tinha então as azas da imprensa para voar e devassar o mundo; a consciencia do povo estava sellada á palavra do apostolo do seculo, o escriptor.

Era necessario, pois, que o pensamento se fizesse historia e a palavra tradição; essa elaboração chamava-se martyrio. O impostor de hontem, era propheta no dia seguinte ao do supplicio; as obras e as fallas de sua vida, repassadas pelo mysterio solemne da morte, se gravavão fundas na memoria das gentes.

Eis porque o sangue era então fecundo e hoje esteril; mais que esteril, corrosivo e fatal.

Actualmente o solo gordo e pingue, onde viça a liberdade, é aquelle

que rega o suor do povo, sal fecundo, que borbulha na fronte durante as horas da meditação, e escorre do braço robusto do operario.

Se o povo brasileiro quizesse com firmeza, elle havia de ser um povo livre, e sem muito esforço. A vontade nacional exerce grande influencia magnetica. Não ha quem se atreva a subjugar uma população possuida do vivo sentimento de sua dignidade.

O Brasil quiz com vehemencia e affinco a independencia, a monarchia, a constituição; teve-as sem grande luta, unicamente pela solemne imposição de sua attitudo sobranceira e inabalavel.

No seio das convulsões que succederão a 1831 o espirito publico adheria poderosamente á corôa cingida pela cabeça loura do infante imperador, estirpe tenra ainda da dynastia brasileira.

Nenhuma das muitas ambições reconditas que sem duvida borbulhavam nessa ebulição dos espiritos, ousou vir a lume. A opinião publica, exuberancia da vida social, rebentava por todo o paiz e suffocava qualquer leve aspiração republicana.

Infelizmente parece que o imperio já não é capaz d'essa vivaz energia, que outr'ora resbordava em suas manifestações. Demasiava-se elle então na actividade, juntando á palavra o gesto, á idéa o facto. Excede-se agora na apathia incomprehensivel; sobre a immobilidade a mudez; sobre a inercia a atonia.

Sagaz é a oligarchia que domina o paiz. Sente que se despisse o governo dos falsos ouropeis e lantejoulas de liberdade, com que o costumeão decorar, a opinião politica humilhada se revoltára.

Esmerão-se por isso em manter o povo na doce illusão de que é livre.

A' sombra de uma constituição que consagra em sua plenitude a soberania da nação, com um parlamento eleito pelo voto quasi universal, e uma imprensa que vai até o escandalo e a licença; quem não verá nessa perspectiva a miragem brilhante do governo representativo?

Descarne, porém, o vulto; tire á luz o esqueleto; e olhe. E' governo representativo, como o automato é homem; move-se, falla, calcula; tem a machina no ventre; a vontade está na mola-poder, a rasão no pendulo-conveniencia.

O povo brasileiro entra em si, examina seu paiz; compara-o com os outros regidos pelo systema representativo; vê, pelo prisma da illusão, que possui todas as instituições radicaes da liberdade, sem a aristocracia de raça da Inglaterra, nem a demagogia omnipotente dos Estados-Unidos.

No throno contempla o vulto de um monarcha, homem probo, principe liberal e illustrado, rei justiceiro e clemente. A torva suspeita ou o validismo odioso não fluctua nessa região imperial; as nevoas que a turvão ás vezes, não as impelle a paixão; vêm da nimia prudencia.

Na geração de estadistas e politicos da actualidade, lobriga o povo entre a chusma das mediocridades, homens eminentes, de quem o nome se prende á melhor pagina de sua historia, administradores de cujo tino e experiencia ha lição proficua em nosso passado. Delles alguns dirigem neste momento o paiz.

Com todos estes elementos, com a nação soberana, o monarcha excellente, e instrumentos de boa tempera, o povo, não achando em si a fruição da liberdade, abate-se; não sabe a que attribuir esse mysterio; lança-o á conta da fatalidade; descrê de si e da raça de que provém. Como o enfermo, que um mal occulto vai subtilmente correndo, langue, definha, succumbe.

Não sabeis o que vos falta, brasileiros? Quereis que o repita ainda uma vez?

Sois uma bella estatua de varão-povo que Deos amassou desta forte argila americana. Só vos falta a inspiração do sopro vital, *espiraculum vitæ*: alma e consciencia nacional; opinião.

ERASMO.



Em um de seus memoráveis discursos sobre a guerra da America, lançava um impetuoso orador inglez do alto da tribuna estas formidáveis imprecções:

« O parlamento está inteiramente morto aos sentimentos de seu dever e dignidade, que sanciona medidas tão culposas e absurdas: medidas, senhores, que reduzirão este florescente reino ao desprezo e á vergonha! Ha dias podia a Inglaterra fazer face ao mundo inteiro; hoje seu destino é digno de compaixão! »

Depois exclamava aquella voz severa:

« Não conseguireis, senhores, não conseguireis submeter a America. Em que estado se achão allí os negocios, dizei? Ignoramos o peor; e comtudo sabemos que tres campanhas custarão muito e nada produzirão. Ponde tudo em jogo, enrijai as forças, concentraí os recursos, estendei o trafico até as carnificinas dos despotas da Allemanha; e eu vos affirmo que todo o vosso empenho será vão e impotente, tanto mais quanto contaís sobre mãos mercenarias! »

Ao homem audaz que assim exprobrava a patria do seio da representação nacional e lhe expunha em face até onde se havia ella aprofundado na vergonha e humilhação, ao petulante orador, cobrio acaso o estigma e odio de seus concidadãos?

Oh! A Inglaterra é um paiz de liberdade e opinião. A estima e respeito publico acompanhárão sempre em todas as vicissitudes aquelle vulto eminente. Nenhuma voz estulta se arrojou a insulta-lo, negando-lhe jamais um coração inglez. Ao contrario, o povo acatava nelle a mais bella e veneravel personificação dos brios nacionaes.

Se ha nome com effeito de que a Inglaterra livre se deva orgulhar, é o de Chatam, o maior de seus oradores e o mais nobre entre seus grandes caracteres.

Alma romana, apurada pela civilização moderna, sentia-se nella através dos enthusiasmos de uma politica vasta e liberal, a antiga rijeza inflexivel do cidadão por excellencia. « Seu objecto, diz um biographo illustre, era a Inglaterra: sua ambição, a fama. »

Em 1778 já a França tinha reconhecido a independencia dos Estados-Unidos; o governo britanico hesitava em declarar a guerra áquella potencia e solicitava uma alliança com a Hollanda. A fulminante eloquencia de um grande orador troava assim no parlamento:

« Que é feito do antigo espirito da nação? Onde está sua bravura,

onde seu heroismo? Acaso exaurirão também os ministros seu character, consumindo o ultimo real do thesouro? Não se envergonhão de contemporisar como fazem em seu procedimento com a França? »

Mais energica ainda foi nesta apostrophe :

« Jamais, emquanto rojardes vilmente aos pés da França sem ousar erguer a fronte para defender-vos, jamais a Hollanda aceitará vossa alliança! Jamais, emquanto conservardes os actuaes ministros, ella fará causa comunum convosco! Não ha potencia tão cega na Europa, nem tão insensata, que se allie á fraqueza e á bancarota. Não ha tão estulta que se associe á obstinação, ao absurdo, á imbecilidade. »

Quem foi este inglez degenerado e máo cidadão, que na difficil situação de seu paiz, no meio das calamidades, commettia o crime de accumular novos embarços ao governo? Porventura a indignação publica não fez justiça cabal á esse aventureiro, que jogava a honra da patria na partida ministerial?

Chamava-se Fox, o illustre estadista e orador eminente. Ninguem o excedeu no patriotismo; alma tão candida e leal, difficilmente se encontra no seio das intrigas politicas, onde a ambição tantas vezes se traja com as vestes da impostura e baixeza. Suas palavras vehementes acordarão o governo da abjecta indolencia, e nesse mesmo anno a guerra foi declarada á França.

Em tempos recentes, durante a questão do Oriente, houve em Inglaterra um jornal que diariamente expunha ao povo inglez e ao mundo inteiro os erros crassos commettidos na Criméa pelos generaes britannicos. Nada escapava á sua analyse rigorosa; sem ambages, nem retencias, fazia o paralelo dos dous grandes exercitos alliados, e mostrava a incontestavel superioridade da França.

Estaria esse escriptor vendido ao ouro francez para deprimir por semellhante modo as cousas patrias, exaltando o estrangeiro rival? Visaria acaso o aventureiro a algum fim ignobil, como o de subir ao poder, fazendo capacho da dignidade nacional?

Quem assim comprehendeu sua alta e nobre missão foi o primeiro órgão da publicidade em Inglaterra e no mundo, o gigante da imprensa diaria, o jornal-rei. Lord Raglan teve o arrojo de ameaçar o correspondente daquella folha de o fuzilar se elle não cessasse com sua incommoda *espionagem*. Do alto das formidaveis columnas o Titan da opinião, desafiou o general a que levasse a effeito sua despotica ameaça.

O correspondente permaneceu no acampamento e continuou a escrever para o *Times*. O general britannico recalcou suas iras, curvando a cerviz aos decretos da opinião soberana. Applacado o orgulho

e a obstinação, o espirito cordato reconheceu a justiça das censuras; a energia, antes consumida em nociva reluctancia, foi melhor empregada em reparar os erros commettidos. No fim da campanha a Inglaterra estava na Criméa ao nivel de seu nome: a imprensa havia salvado sua honra compromettida.

Quanto alenta o patriotismo essa atmosphera saturada de liberdade e constantemente renovada pela discussão! Ahi nutre-se a alma das grandes virtudes civicas; o talento se fórma ao impulso de uma actividade fecunda. E' nessas regiões puras que se desenvolvem duas creações raras no mundo: o povo e o estadista. Fóra dellas apparecem apenas goradas tentativas; multidões e ministros.

Infeliz paiz o meu, onde o cidadão que levanta a voz para arguir os erros deploraveis commettidos em uma guerra infausta é logo coberto com o baldão e o insulto! Seja banido da patria esse reprobo politico, desde que ousou tocar com mão sacrilega o palladio inviolavel.

A honra não é mais o sentimento da propria dignidade; o decoro que reveste as acções nobres, obrigando o mundo ao respeito e veneração, não é mais nem a gala da virtude, nem o orgulho do dever, nem a consciencia do direito.

Para os defensores desta misera actualidade reduz-se ao mysterio, á dissimulação, á impostura emfim. Um cavalleiro offendido em seu pundonor mostra-se tibio na desaffronta do ultraje. Os indifferentes começam já a estranhar semelhante frouxidão.

Não se dirijão, porém, os amigos sinceros do offendido ao seu coração, para o advertir com severidade e excitar-lhe os brios. Fujão de tão feia traição! O meio de preservar a reputação vacillante é o segredo. Saião á direita e á esquerda, extorquindo com rogos ou ameaças o silencio de todos!

Semelhante procedimento, que é o do governo em relação á guerra actual, seria ridiculo, se não inspirasse, por desgraça nossa, profunda lastima. Punge cruamente ao coração brasileiro que a dignidade nacional, de sublime virtude, descesse no animo dos dominadores ao torpe vicio da hypocrisia.

Desde o principio da guerra que todos os esforços convergem á acamar sobre as nossas questões internacionaes essa crosta espessa de silencio e mysterio. Accumulárão grande provisão de falsas iras patrioticas para extravasa-las sobre o sacrilego que ousasse profanar o arcano. Passou a dogma que na emergencia de uma guerra, não se deve proferir uma palavra ou balbuciar um receio, para não crear embaraços ao governo.

Esta heresia se escreveu na imprensa de um Estado livre; echoou

em uma tribuna que ainda chamão parlamento. E quando taes blasphemias se articulavão ante o paiz, um assomo da indignação popular não esmagou com desprezo merecido esses falsos apóstolos que renegavão a opinião e abjuravão da publicidade!

De modo que é justamente no momento mais grave de sua existencia; quando, para defender a soberania e dignidade offendidas, carece a nação de todas as suas faculdades e órgãos; é nessa occasião suprema que a aleijão e mutilão!

Cega para não ver o abysmo para onde a arrastão; surda para não ouvir a murmuração e escarneo dos estranhos; pasma para não ter consciencia do que soffre; eis como deve ser, ao molde desta desgraçada situação um Estado livre em tempo de guerra. Seus senhores lhe fazem a honra de governal-o, nas horas vagas deixadas pelos arranjos particulares; não ha mister que elle se preocupe com seus destinos.

Se fôr preciso o imposto de sangue, estenda a patria o collo para que lhe abirão a veia; se houver necessidade de a acabrunhar com o peso das contribuições, vergue ella os largos hombros, como uma besta de carga, para supportar o fardo.

A' sombra funesta da extravagante doutrina, reina o depotismo infrene. Basta que alguns titeres do xadrez ministerial provoquem uma guerra intempestiva, para que se achem logo, por virtude de seu mesmo crime, investidos de uma perigosa dictatura. O estado belligerante é um estado de alienação para o povo; torna-o incapaz.

Que por parte do governo e seus adeptos se apregoassem taes principios, não é cousa para admirar. O que espanta é o silencio pensado da opposição, tanto na imprensa como na tribuna. Muitas vezes, é certo, se ha tocado no assumpto da guerra, mas o pensamento resvala subtilmente pela superficie e teme-se de penetrar a cutis dessa questão soturna.

O paiz não vê o aspecto medonho da situação: illude-o a perspectiva fallaz do parlamento e do jornalismo. Se alguns rasgos da luz sinistra lampejão, logo desmaião ante a contestação do governo e se apagam afinal.

As causas dessa abstenção varião.

Ha uma classe de estadistas que sacrificão muitas vezes o bem publico á sua ambição. Mesmo na opposição caprichão elles muito em concertar as dobras de sua toga pretexta, para se mostrarem sempre, e em qualquer circumstancia, *homens de governo*. Não querem tambem preparar para si o leito de Procusto,

Esses candidatos eternos ao ministerio fogem espavoridos da ques-

tão melindrosa da guerra como de um antro. Para a tratarem, devião molestar as susceptibilidades dos alliados, offender o amor proprio dos generaes, excitar emfim uma grande celeuma, que os afastaria das faldas do poder, onde levantarão a tenda.

Outra classe, menos accessivel ás altas ambições, é influida por sentimentos pessoaes; pelo interesse ou pelo temor. Uns não fallão das cousas da guerra porque algum fio os prende a essa grande têa; uma porção delles ou da familia ganha com o favor de certos personagens. Outros receião a logica da diffamação, com que usualmente se argumenta e responde aqui á justa censura.

O poder da diffamação é como o poder do patronato, uma instituição gerada em nosso paiz da degeneração do systema representativo. O escandalo aguça até a mesma attenção pachorrenta dos bons: os máos, esses applaudem sempre a queda de uma reputação; a calumnia para elles equivale a um nivelamento de caracteres. Assim forma-se uma populacidade, que bafeja sempre os escriptos injuriosos. O insulto tem voga certa; a defesa é sedita e monotona.

Não estranhem, pois, que cidadãos de coragem tremão desse assassinato moral, impunemente commettido na maior publicidade. Sua honra preservada durante uma existencia inteira, provada por crueis vicissitudes, recatada ás vezes com escrupulo excessivo, pôde afoagar-se de repente nos vomitos da calumnia.

Se fosse ao menos um exagerado patriotismo que produzisse essas explosões de ultrajes! Mas as paixões politicas, nobres em geral, não entrão nisso; são os mesquinhos sentimentos do individuo; as duas mãos do egoismo, a vingança e a cobiça, que amassão semelhante fermento. Frequentemente atacão as instituições e escarnecem das leis: o primeiro magistrado da nação é victima de allusões torpes, que revoltão. Ninguém sahe a punir estes desvarios; os jornaes aonde são levados não escrupulisão em da-los á estampa.

Toque-se porem nos actos de um ministro, diplomata, general ou almirante; todos os obstaculos se erguem á manifestação do pensamento: escassêa o espaço ainda mesmo comprado; e um bando de corvos se abate logo sobre a victima que os assanha.

A ultima classe dos que evitão a questão da guerra é a dos estadistas prudentes e cheios de abnegação. Receião que patenteando a verdade inteira ao paiz, elle succumba sob o peso da vergonha; e desengannado cruelmente de quem o governa, recuse os subsidios indispensaveis para vingar a honra nacional.

Sem duvida enxergão mais longe os consummados estadistas; mas penso eu que os illude sua mesma prudencia.

Este povo, que respondeu generosamente ao appello de um gabinete inconsiderado, e acudio prompto em defesa de seus brios, não obstante os erros da politica dominante; este povo, cheio de pundonor e heroismo, não esmorecerá ante as mais duras provanças para desaffronta de sua dignidade.

Qualquer que seja a profundeza do abysmo tão cuidadosamente encoberto, e a enormidade do sacrificio necessario para a conclusão da guerra, nenhum brasileiro hesitará, desde que o poder se ache em mãos habéis e vigorosas. Haja um governo na altura do Brasil, e o povo se elevará immediatamente ao nivel dessa politica superior.

O que desfallece o coração brasileiro é o desatino que preside ao desenvolvimento da crise mais assombrosa por que já passou o paiz. Quando a cada passo se observa o esbanjamento dos dinheiros publicos, a dissipação das forças do Estado, o atropello erigido em actividade, a inercia com foros de prudencia; quando esse torvelinho de erros e escandalos produz na mente publica uma vertigem; então sim, ha motivo para temer-se o subito desanimo do paiz.

A população, acabrunhada pela humilhação póde recusar-se a vasar o sangue e o suor, que não serve para vingar sua honra; porém só para encher os vampiros e accrescentar glorias ao inimigo. Sim; quanto maiores esforços se exigem do paiz para vencer o Paraguay, mais vulto se dá á insignificante republica, que o Brasil bem dirigido houvera esmagado em alguns mezes.

Temão pois os propectos estadistas o desanimo geral, se continuar o silencio sobre as cousas da guerra. Para evita-lo patenteem a verdade ao povo; penetrem, elles que têm a força e os meios, na cova de Caco onde some-se o nosso ouro; destrincem a politica enredada e confusa que enleia o paiz.

E' o maior serviço que podem no transe actual prestar á sua patria. Affrontem com bizzarria a diffamação, se ella ousar abrir as fauces e mordê-los. Para recalcar o máo fermento deste presente, têm elles o testemunho de um longo passado sem macula e o juizo do futuro.

No meio do profundo silencio que sepultava essa, a mais perigosa das ulcerações nacionaes, advertio-me um intimo remordimento de meu dever de cidadão. Seria uma traição e uma cobardia recusar á patria, mãi politica, e á futura geração, herdeira de nossa grandeza ou miseria, o debil esforço da escassa intelligencia.

A voz do egoismo murmurou. Com a previdencia do receio desenhou a perspectiva que me esperava; o despeito e insulto dos offendidos; a somnolenta pachorra da attenção publica; a fadiga do trabalho; e a decepção do espirito aos arrancos com a materia bruta.

Do outro lado a voz da affeição recordava que no turbilhão dos acontecimentos contemporaneos andavão de envolta pessoas estimadas. Respeitasse eu embora o sanctuario da vida privada, havia de magoar-lhes o coração.

Triumphou o dever.

Tudo lhes offereci em holocausto. Só faltou atirar a minha individualidade á praça publica, para que ahi servisse de pasto á maledicencia. Não o fiz por motivo muito longe do temor; era mais uma diffamação inutil, mais uma ceva para as paixões abjectas.

Que importão á causa publica as injurias que porventura se lancem sobre um individuo? Que vale para a opinião o nome obscuro e desdenhado de um escriptor, se não reflecte luz, antes projecta sombras sobre suas idéas?

Ha uma circumstancia grave em que o anonymo é uma emboscada, recurso vil do cobarde; é quando se ataca a individualidade. Mas na arena da vida publica o cidadão torna-se uma idéa ou acto politico; para combate-lo lealmente servem as mesmas armas.

Submettendo-me a consciencia á esse preceito de respeitar o recesso inviolavel da vida privada, tenho o direito de cobrir-me com a guarda do mysterio, que, arredando para longe a minha individualidade, deixa a razão em sua plenitude e serenidade.

Esta longa expansão, brasileiros, não é resposta a murmuradores; na altura a que sobe o escriptor para tratar de vossos maximos interesses não descobre esses infusorios das aguas turvas. Quando, porém se consumma um facto de summa importancia, a consciencia, embora approvasse antes a intenção, desperta outra vez, e mais severa, ante a realidade.

Depois de ter escripto as duras verdades que lestes sobre a guerra, sentio a mente um sossobro. Teria a indignação sobrepujado o criterio, transviando a palavra? Corrêra da penna fel que não devia ser espremido de um coração brasileiro? Divulgára eu cousas reservadas e por todos ignoradas?

Carecia de um desabafo ao espirito inquieto. Felizmente a consciencia passando e repassando em seu crysol as verdades que enunciei não achou fezes a escumar. Quanto avançou a respeito da guerra é a evidencia; evidencia dos factos officiaes; evidencia de sua logica inflexivel.

No momento mesmo em que escrevo estas linhas a noticia de mais uma vergonha vem infelizmente encher-me de razões. Eu sacrificára com jubilo meu amor proprio, e applaudira os successos que desmin-tissem minhas palavras severas.

Mas o nosso exercito continua enterrado nos mesmos pantanos e sempre insultado pelo vil paraguay. O Brasil, a primeira potencia da America do sul, depois de um esbanjamento louco dos dinheiros publicos não tem canhões para bombardear o inimigo; e a elle, o selvagem acoçado na furna como o tigre, não faltão armas aperfeiçoadas, de longe alcance, para bater-nos na mesma distancia !

E a esquadra permanece mera espectadora; seu almirante contempla esse quadro lugubre com a mesma impassibilidade, com que o soffrem aquelles que o mantem a força e de nonie no posto abandonado e devoluto.

Prosequirei pois no meu empenho. Podem os gritos desgarrados estrugir no intento de me atordoar; póde a estudada indiferença fingir que não percebe estas folhas esparsas; póde a alta imprensa (com excepção do orgão mais illustrado e mais generoso adversario, o *Mercantil* que teria melhores pretextos á esquivança) recusar a estes escriptos a cortezia que não nega ás futilidades ensossas; nada me fará arrefecer a coragem.

Estas paginas ficarão; ellas hão de ser mais tarde livro, como as outras. Nas estantes empoadas de alguma livraria apparecerá um recanto onde jazão no esquecimento. Algum dia longe, serão descobertas pelas excavações de futuros antiquarios.

Então a nossa descendencia, corrida de vergonha pelas tradições humilhantes desta actualidade funesta, pasma da tibieza do espirito publico ante uma serie interminavel de revoltantes escandalos, acabrunhada com os males que sobre ella accumulárão nossos erros, se abrigará á sombra destas paginas esquecidas, pobres de talento, mas ricas de sinceridade.

Como ellas não levão um nome e são lidas ainda por algumas centenas de individualidades, todos os futuros brasileiros poderão murmurar esta palavra de consolação:

« No meio de tão profunda obliteração do senso nacional, nossos pais conseguirão preservar-se do mal; forão elles que levantarão este energico protesto. »

E assim ao menos salvar-se-ha os creditos de uma geração, e sobre a memoria dos pais não recahirá a maldição dos filhos.

ERASMO.

VI

A anxiedade publica se dilata neste momento em uma grande interrogação.

Que principio mantem esta incrível actualidade?

A confiança imperial é sem contestação a base larga da situação; fugisse ella, que todo o laborioso mecanismo tombára por terra e submergira-se no esquecimento, se não fosse no geral desdem.

A corôa está, porém, revestida de uma presumpção tão forte de sabedoria que sómente cede á suggestão da propria consciencia, ou á soberania do voto nacional. Deve, pois, o cidadão acatar o acto do poder irresponsavel, como o alvitre de uma razão mais esclarecida; não ficando comtudo seu espirito privado do direito de investigar o motivo que opera com tal energia na vontade imperial.

Esse motivo não póde ser um mero arbitrio; cumpre buscal-o na esphera do governo parlamentar, entre as causas que actuão sobre as evoluções do systema representativo. Seria difficil a um espirito desprevenido attingil-o; porém o governo diariamente jacta-se delle.

O voto da maioria parlamentar, e o apoio da opinião publica; taes são as duas muletas a que se arrima o gabinete de 12 de maio.

A maioria constitue sem duvida o principio da legitimidade do governo; ella fórma o acervo de individualidades de que se extrahе a lei, summa e essencia da vontade universal. Como todas as forças humanas, essa do numero está sujeita a decahir e depravar-se.

De que especie é a maioria parlamentar que sustenta o gabinete?

Comêço por despojal-a de seu pretencioso titulo; não se póde qualificar a actual maioria de parlamentar: é manca; existe apenas no ramo temporario da legislatura; e, se este representa o elemento democratico e se renova periodicamente, está não obstante em nosso paiz mais sujeito a corromper-se. Quem o duvidar lance os olhos

para o senado, onde tão rara é a defecção; e coteje esse exemplo de coherencia com a mobilidade de uma camara que toma annualmente nova physionomia.

Essa mesma truncada maioria não é sequer homogenea e compacta. As materias mais estranhas entrão em sua composição. Ahi estão juntos, os verdadeiros partidistas, conservadores ou liberaes, espreitando o momento já tardio da completa discriminação; os netos da velha de Syracuse, resignados ao máo com receio do peor; os descrentes, que, perdida a confiança nos homens, se deixão arrastar pelo fluxo dos acontecimentos; e finalmente os progressistas ainda imbuidos na grande utopia do terceiro partido.

Com tantos e varios elementos não excede essa maioria ao mesquinho algarismo de quinze votos! Tal é a força immensa que sustenta inabalavel o gabinete, não obstante a poderosa gravitação que o arrasta! Toda a sabedoria e razão nacional está por certo encerrada nessa meia duzia de augustas cabeças, que assim decidem dos destinos da patria! Oito figuras, oito apenas das mais insignificantes da governança, podião amanhã por uma travessura desmoronar a gigantesca mole.

A que se reduz o systema representativo pervertido de sua verdadeira indole? A uma caricatura disforme de governo parlamentar, onde a magna questão da salvação e honra de um povo se decide pela maior ou menor adherencia do tóro de meia duzia de senhores ao assento das poltronas legislativas!

Em conclusão, tem o gabinete maioria: é justo que governe.

A outra muleta do governo, o apoio da opinião publica, creio eu que se traduz pela adhesão ou sympathia da imprensa da côrte. Essa força a tem o governo incontestavelmente; o jornalismo fluminense é todo ministerial. Apenas desde algumas semanas os liberaes tirão á lume uma pequena folha com um grande titulo; da parte dos conservadores reina profundo silencio; dir-se-hia que emigrarão por uma vez da imprensa.

Entretanto examine-se de perto para conhecer o que vale no fundo o apoio prestado ao governo pela alta imprensa da côrte. Dos tres grandes diarios, um tem por principio e habito antigo de sua marcha aceitar sempre os factos consummados como a expressão mais sã da verdade em materia politica; os dous outros estão por circumstancias accidentaes nas mãos de amigos da situação; elles exprimem dedicações pessoas e nobres sacrificios em prol de uma causa.

Mas aquelle entusiasmo generoso que borbulha sempre, como o

suor, da fronte inspirada em grandes convicções; aquelle affôgo que vasa a idéa ainda tepida do calor d'alma; já não sente-se alli naquellas columnas em que outr'ora abundava. A fé desertou do jornalismo tambem; as centelhas que ainda luzem a espaços vem da amizade, não mais da communhão politica.

Se em favor da actualidade concorrem as duas grandes razões invocadas, a maioria de quinze votos e a adhesão de dous jornaes amigos; contra se produzem objecções formidaveis, ás quaes admira pudesse o gabinete de 12 de maio resistir um curto momento.

Na esphera legislativa se encontra a primeira, o senado, onde o ministerio está em consideravel minoria. Desde annos que se trata de arredar esse obstaculo incommodo ao trem veloz da politica progressista; convém que passe adiante a bagagem de reformas e innovações dos recentes estadistas.

Os extremados, homens de grandes medidas, propoem logo um córte na vitalicidade do senado; os moderados se inclinão antes á desautorização politica da segunda camara. Em sua opinião é sómente no ramo temporario da legislatura que se deve pôr a questão de gabinete, visto que em relação a ella tem o poder o correctivo da dissolução.

Ha alguma verdade nessa doutrina, mas travada de um grande equivoco. Sem duvida o senado, pela sua organização, despido da iniciativa das leis annuas e encargos mais onerosos á população, afastado da urna, fonte viva da opinião, não exerce, como o representante immediato da soberania nacional, uma influencia directa no governo.

Em compensação, porém, está essa corporação respeitavel investida de uma fracção do poder moderador; ella exerce como o imperador um veto sobre as deliberações da outra camara. Este veto nenhuma disposição constitucional inlibe que se estenda a qualquer acto, seja uma simples lei regulamentar, seja um orçamento ou fixação de forças.

A doutrina contraria equivaleria á mutilação das attribuições conferidas pela constiuição ao senado; se houvesse uma qualidade de lei em que essa camara renunciasse por costume ou precedente ao direito de exprimir um voto em opposição ao governo, a camara vitalicia ficára reduzida a mera chancellaria.

O senado tem, como a camara, mais que o direito, o dever rigoroso de recusar ao governo pão e agua sempre que em sua consciencia entender perigosa a continuação de um ministerio no poder. E' esta a

grande arma popular; nella se embotou o sceptro despotico dos reis saxonios; com ella em punho conquistou a Inglaterra suas liberdades.

Convém que certos dos nossos politicos submettão-se a essa verdade, á qual esforço por esquivar-se. Uma nação que é a unica soberana de si mesma tem o direito de escolher homens que a dirijão. Esse direito ella o exerce recusando ao gabinete os meios da administração, e forçando a corôa a cingir-se á opinião.

A differença entre o voto da camara e o do senado é frisante.

A camara, negando ao ministerio as leis annuas, exprime a vontade da nação no momento de constituir-se a legislatura; por isso a dissolução foi dada á corôa para de novo interrogar a nação, consultando sua vontade actual e imminente ao conflicto.

O voto do senado tem outra significação mais complexa; elle póde exprimir ou a opinião actual reflectida pela sabedoria e prudencia dos consummados estadistas que alli sentão; ou o principio de resistencia da minoria aos desmandos de uma politica esvairada. Nesse caso a camara vitalicia assume sua importante missão de corpo conservador.

Qual é, porém, o correctivo contra essa attitude? Qual a força capaz de cercear os abusos dessa resistencia, talvez dilatada ao ponto de formar uma oligarchia?

O correctivo, admira não o veção, aquelles proprios que estão sob a pressão incessante e continua de sua influencia. E' o mesmo que opera sobre o poder moderador, e cohibe os excessos de qualquer funcção conservadora delegada pelo povo; é a opinião publica, essa physionomia sempre vigilante e alerta da soberania nacional.

Se um monarcha, abusando de suas attribuições magestáticas, se obstinasse em oppôr uma barreira invencivel á acção de outro poder, como no caso de perdoar todas as penas impostas pelos tribunaes; onde estaria o correctivo para aquelles que, na phrase de Montesquieu, « só espumão um freio, o da consciencia »?

Na opinião publica. O soberano immediatamente seria advertido pelo offego da nação, e se não entrasse no trilhô de suas altas funcções, rompêra o equilibrio sobre que repousa todo o organismo do Estado.

Uma escola, em verdade, existe no paiz que pretende subtrahir o imperador, como o senado, á opinião publica. Ella fabrica o systema representativo como uma machina e nde ha algumas peças de ornato que não têm o direito de quebrar; e por conseguinte não trabalham. O imperador porque é perpetuo, e o senado porque é vitalicio, não

têm politica. A irresponsabilidade desses poderes, ou melhor, imputabilidade, os constitue incapazes politicos e os sujeita portanto á tutela do executivo.

Ahi estão descarnados os tristes effeitos dessa doutrina, que por incomprehensivel aberração professão os liberaes de nosso paiz. Pela responsabilidade gratuita dos actos magestáticos, invade o executivo a esphera do moderador; pela abstenção politica do senado, sequestra um ramo da legislatura. Assim a opinião escarnecida só encontra essa bossa ministerial da corrupção, que vai absorvendo a seiva do paiz.

Ha um facto que desenha perfeitamente a funcção da segunda camara no mecanismo constitucional. Em 1853 o senado piemontez tomou uma attitude opposicionista; uma lei de confiança cahio por doze votos; outra lei tambem de confiança corria perigo de igual sorte. Nessas condições Cavour pedio ao rei a dissolução da camara; porque, dizia elle na exposição de motivos, « a attitude do senado, corpo essencialmente conservador e composto de homens graves, só podia-se fundar na opinião de que o ministerio, embora apoiado por uma *grande maioria* da camara electiva, não possuía na realidade a confiança do paiz. »

Eis um grande estadista reconhecendo a influencia politica moderadora do senado. O voto dessa respeitavel corporação do Estado não é uma cifra; conta por muito na equação representativa; sua opposição como a da camara pôde levantar o conflicto parlamentar, que se resolve pela mudança do gabinete ou pela dissolução da camara.

Pugna igualmente contra a actual situação o abatimento e prostração do paiz.

O silencio é para o povo, como para o homem, uma expressão e uma eloquencia. O aspecto mudo e succumbido da creatura inane compunge mais do que o grito de uma afflicção viva e supplicante. Quando em um paiz o espirito publico cabe nesse orgasmo fatal, a opinião se ergue ao ponto culminante; não é possivel exprimir com angustia maior o soffrimento de um povo do que por essa atonia das crises fataes.

Em volta, pois, de algumas vozes illustradas que defendem o ministerio, eu apresento milhares de vozes abafadas no surdo arfar da população. E' nas cidades entorpecidas por um desgosto funesto; na gente do interior já segregada do centro donde não recebe vida; no tedio da enervação geral, que está a verdadeira e legitima expressão da opinião, durante esta época anomala. Ella inflinge ao gabinete o terrivel estigma de sua mudez.

Condemna também a situação a implacável ironia dos acontecimentos.

Os homens são instrumentos nas mãos da Providência, que os affaga ou rejeita, conforme elles servem aos altos designios. Jamais essa repulsa manifestou-se com tamanha aversão e vehemencia, como na actualidade. Cada facto que succede é um novo menoscabo da fortuna contra os individuos que dirigem o paiz.

A composição do actual gabinete foi o primeiro sarcasmo da sorte. A maior parte dos que são agora ministros podião sê-lo naturalmente em outra composição. Sua reunião em um mesmo conselho, sua adhesão politica, é um phenomeno só explicavel pela derisão dos factos. A sorte tem, como a natureza, certa malicia; de vez em quando inventa monstros.

Não bastava, porém, esse amalgama de recentes odios e antigas divergencias; o abortó devia ser aleijão. A incoherencia levada á infantilidade, as contradicções incessantes, a negação eterna de si mesmo, tal é o caracter predominante do gabinete.

Apresenta-se um projecto bancario; no dia seguinte apparece uma demonstração da praça para que o governo renegue o filho. Annuncião proxima a terminação da guerra; e da campanha chega a certeza de sua prolongação. Um paquete é portador de noticias de uma crise financeira que impelle o gabinete a fabricar de chofre um projecto de occasião; com a chegada do outro paquete deserta-se vergonhosamente da questão.

Houve necessidade da nomeação de alguns presidentes de provincia; não faltão membros conspicuos na maioria; recahio a escolha justamente sobre nomes que são o corpo de delicto formal da coherencia e probidade politica de certos ministros.

De qualquer lado que se volte, acha o ministerio essa mesma fatal e amarga ironia dos acontecimentos. Não é já o passado só, mas o presente, que os moteja desapiedadamente. Em cada hora de seu governo, como em cada tradição de sua vida politica, ha um momo, uma visagem, uma gargalhada.

A ultima e sobre todas formidavel objecção que se levanta contra a actualidade politica é a propria intelligencia illustrada que a creou e a sustenta: a corôa.

No principio deste anno proferio o Sr. D. Pedro II algumas palavras notaveis, dessas que os soberanos gravão na historia de seu paiz. Disse

que Leopoldo, o fallecido rei da Belgica « havia realizado com a maior lealdade o grande principio da monarchia constitucional. »

Na mesma occasião em que esta phrase de alta significação descia até á minha vulgaridade, vi eu no grande orgão da publicidade euro-péa o busto politico do fallecido soberano moldado em dous traços magistraes : « Leopoldo, escreveu o *Times*, não era sómente o rei da Belgica, mas seu primeiro ministro ; a Europa não perdeu nelle unicamente um sabio monarcha, perdeu sobretudo um grande estadista. »

E' concebivel que o monarcha admirador desse modelo do rei constitucional se deixe ir á mercê dos acontecimentos, em vez de imprimir-lhes a direcção de sua esclarecida intelligencia ?

Não ; o alto pensamento que serve de centro ao nosso systema comprehende melhor sua funcção : elle aspira de certo a essa gloria de estadista, que representa actualmente como outr'ora a de conquistador, a maior ambição dos reis. Só pela profunda lição da sciencia politica póde, no seculo actual, um soberano elevar-se acima da corôa que elle cinge.

Nunca em circumstancia alguma de sua vida Leopoldo se abandonou á correnteza ; nunca elle lançou os destinos de seu paiz sob a pressão de uma crise medonha ao capricho de alguns homens.

Ao contrario, seu grande talento foi dominar os successos, e até prepara-los ; se alguma vez parecia ceder a elles, como em 1848, era antes uma concentração de forças para superar maiores obstaculos que se acastellavão.

O soberano belga domou uma revolução com estas textuaes palavras, onde, através da apparente bonomia, palpa-se a boa tempera de uma alma rijã : « se não me querem mais para rei, digão, que immediatamente trato de arrumar a minha mala. »

Igual deve ser a norma do principe illustrado que applaudo esse typo de lealdade da corôa com a nação.

Não é possivel que por mal entendida imparcialidade submetta-se a regia consciencia ao alvitre de alguns espiritos que não avultão nem pelos talentos, nem pela inteireza de suas opiniões politicas.

O imperador é tambem um representante da nação ; e de todos aquelle cuja palavra falla mais alto. Quando elle diz—não—, os outros poderes se calão ; e só têm o direito de responder-lhe a soberania nacional. Não lhe confiou o povo esse verbo politico para que o emmudeça qualquer insignificante maioria.

Como primeiro estadista e primeiro cidadão deste imperio, o imperador é sem duvida quem acima de todos deplora esta actualidade. Não sómente soffre mais profundamente que nós os funestos effeitos della, porém sente a dor de não a haver subjugado.

Eis, portanto, desenhada a balança politica.

De um lado, na concha ministerial, uma dezena de votos e duas ou tres vozes illustradas na imprensa; do outro, na concha nacional, o senado, o desanimo publico, a inexoravel condemnação dos factos, e a propria consciencia imperial. A' direita, algumas resteas; á esquerda, o paiz inteiro. Entretanto o ministerio se mantem firme no poder, e a nação oscilla no vago das incertezas.

Que peso occulto e formidavel actúa para essa aberração de todas as leis do systema representativo?

E' um assumpto digno da seria meditação do povo.

ERASMO.



VII

A historia dos povos está cheia de scenas repugnantes.

Homens ambiciosos, exaurindo a seiya nacional, para fartar sua avidez de mando ; governos ineptos esmagando o paiz com a ignorancia crassa ; filhos ingratos, que o despeito leva a armar o braço mercenario contra a patria ; todos estes quadros afflictivos se observão na tela do passado.

Faltava, porém, á essa vasta galeria da miseria humana uma scena virgem, a mais dolorosa para a alma do cidadão ; o quadro de um governo defendendo com vehemencia e exaltandó com enthusiasmo o aviltamento de sua patria, forjado por mãos estranhas !

A população desta côrte... Não: a diminuta fracção de brasileiros, que ainda tem coração para sentir as calamidades publicas, desesperou contemplando ha dias perante o senado esse repulsivo e desolante espectáculo.

Nem a religião do lugar onde vagão sombras venerandas, nem o acato á assembléa augusta, nem a commiseração por nossas desgraças, nem o pudor da propria culpa, gelárão a palavra impia nos labios dos ministros.

Consummou-se a grande abjecção.

A protelação acintosa e perfida de uma luta desgraçada, por escarneo dita a debellação da guerra, achou apologistas. O arrasto de nosso bravo exercito, que levão de rojo pelos brejos como um reptil inerte, e a torpe frouxidão da armada, a apodrecer nas aguas do Paraná, esses tristes poemas de nossa humilhação tiverão cantores.

Causava dó realmente assistir á tribulação desses dous espiritos, aliás esclarecidos, convolvendo-se no sophisma, para arrancar dali alguma futil razão. Terrível martyrio da intelligencia se dilacerando à si mesma com as garras do absurdo.

Batidos pela argumentação valente dos illustres senadores que um após outro occuparão a tribuna, os dous ministros, desamparados, fizeram esforços herculeos. Debalde, que a robusta dialectica os jungia ao poste que elles proprios levantarão.

Toda a defesa da ominosa politica reduzio-se a uma futil evasiva. Propuzerão-se os paladinos de tão ruim causa a provar que não competia ao governo formular planos de batalha para remettêl-os aos generaes, pois assim ficára tolhida a livre acção da tactica militar.

Em apoio desta verdade sedição fizeram-se largas excavações na historia; tirou-se a arejar a mófada erudição; á falta de razões abrirão os diques ás torrentes de phrases, que no dizer de Voltaire alagão e submergem os desertos da idéa. *Verse un torrent de mots sur un désert d'idées.*

Quem já teve a estulta lembrança de exigir do governo brasileiro que levante planos de batalha e commande nosso exercito e armada dos gabinetes ministeriaes?

A direcção technica da guerra, a estrategia militar, pertence ao general, homem de acção que opera sobre o terreno, conforme as circumstancias e a força dos instrumentos. Essa competencia deriva da natureza das cousas; a distancia e os accidentes locaes não alterão a questão; longe ou perto, no Paraguay ou dentro da bahia do Rio de Janeiro, o almirante da esquadra brasileira a deve manejar para o combate com a mesma liberdade e inspiração.

Releva entretanto desvanecer uma confusão em que labora o governo. Uma cousa é plano de batalha, e outra muito diversa plano de campanha.

A guerra, essa mecanica diplomatica, é o desenvolvimento de uma força ao través dos obstaculos a ella oppostos. Anteriormente á execução, sobre a carta geographica da área das operações, se pôde estudar o traço geral e as linhas estrategicas que mais tarde se devem desdobrar sobre o terreno. Esse mappa da guerra, onde se delinea o itinerario das combinações militares, é o plano de campanha.

Elle constitue o primeiro e mais importante trabalho do cabo investido do commando supremo sobre as forças belligerantes de um paiz. O governo, ouvindo a respeito o prudente alvitre dos encanecidos generaes que já não militão pela idade avançada, aquilata logo da capacidade do homem a quem a nação confia o que tem de mais sagrado e precioso, a honra do estandarte e o sangue de seus filhos.

Em um Estado como o Brasil, novo e creado na paz, onde portanto

não abundão os grandes estratergicos provados nos campos de batalha, devêra ser o melhor plano da campanha paraguaya o legitimo titulo para a escolha do nosso general. Em vez de andar ás apalpadellas como cego, para cahir ao azar em quem a sorte destinou, imprimiria o governo brasileiro a esta guerra o que especialmente lhe falta, o cunho da intelligencia.

Se algum dia o historiador severo, mas imparcial, esmerilhar entre o dedalo de erros e desatinos que enleia a fatal questão, a força predominante nessa época deploravel, ha de reconhecer a existencia daquelle phenomeno. A intelligencia submetteu-se á materia bruta e entregou-lhe a alta e suprema direcção da guerra.

Desde o principio da luta não tivemos ainda um só plano de campanha. Nosso exercito e esquadra vão á discrição das aguas e á mercê dos accidentes. O primeiro e unico estratergico desta guerra é Lopez, não obstante sua estulticie e barbaria. Elle tem a tactica selvagem da serpe, que atira o bote e roja para escapar-se; mas, emfim, é uma tactica ao menos; sente-se que vive naquelle bando de recrutas a alma pensante de um chefe, seja embora de um chefe de salteadores.

Uma só evolução de nossas forças se não effectua que não seja o effeito daquelle rude estrategia do inimigo. Foi elle quem abriu e fechou a campanha de Mato-Grosso; quem levou a guerra á Corrientes, e depois á Uruguayana; quem provocou as duas batalhas de Riachuelo e Tuyuty. Nossas forças são ha perto de dous annos o ludibrio do presidente do Paraguay, a cujo senho se movem.

Custa a um coração brasileiro arrancar do intimo seio taes verdades, que de acerbas queimão o espirito por onde paixão. Sirvão ellas de cauterio á dôr extrema que prostra meu paiz, succumbido sob o peso de tanto opprobrio! Reanime-se elle para a desaffronta, já que descurou por tanto tempo a guarda de sua honra.

Não exagero. E' a força bruta e maeterial que dirige a guerra. Não vence o espirito humano, domando a natureza inerte e estúpida: não vence a estrategia militar, ostentando o poder quasi divino do pensamento superior; triumpha a baioneta, a espada, o canhão; ferro ou bronze, vibrado pela coragem heroica.

Por isso qualquer obstaculo material que possa embarçar a acção da força physica esbarra-nos o caminho. Somos derrotados a cada instante pelo rio que desceu, pela cavahada que não chegou, pelos torpedos que assoalhão, e por mil circumstancias de igual jaez.

Toda esta longa aberração é o desenvolvimento natural do primeiro

absurdo. A facção que provocara uma guerra antes de ter preparado os meios necessarios, encetou a campanha sem curar de plano, nem de general apto para executal-o. Imbuião-se da falsa idéa de ser a guerra o embate de duas massas, onde a maior esmaga a menor; desde então só cuidão em forjar um grande exercito e uma grande esquadra; questão de quantidade e peso, a que sacrificão a questão racional.

O plano de uma campanha levantado pelo general não é immutavel; ha de soffrer necessariamente as alterações que o desenvolvimento das operações inimigas e um melhor estudo da localidade e circumstancias aconselhem. Não impede tambem as subitas evoluções, filhas de uma inspiração de momento, que arrebatão as mais brilhantes victorias.

Mas as modificações do traço geral são communicadas ao governo; de modo que este póde em seu gabinete, auxiliando-se da experiencia dos profissionaes, acompanhar de longe a desenvolução da luta. Os varios accidentes, as marchas rápidas, as pausas estrategicas, todos estes pontos obscuros para o vulgo se esclarecem e explicão ás vistas da administração, cotejando-os com o plano da campanha.

O governo brasileiro não cura de taes nugas: entregou a direcção da guerra aos chefes de sua confiança e espera com uma admiravel serenidade a conclusão natural da luta. Sua tarefa administrativa consistia em levantar um exercito numeroso e uma esquadra respeitavel: desempenhada ella, o resto pertence á espada dos generaes.

Tal é a linguagem official na tribuna.

Coubera aqui perguntar se o poder executivo está realmente convicto de haver dado generaes ás forças brasileiras, e inquerir dos fundamentos da confiança obstinada que resiste á insultante ostentação dos factos. Mas fóra isso tomar ao serio palavras que apenas excitão o riso pela sua extravagancia.

Em qual paiz se vio jámais, a não ser nesta patria adoptiva do absurdo, um governo demittir-se da suprema inspecção da guerra pelo futil pretexto da confiança depositada em seus agentes? Onde já se observou este exemplo lastimoso do poder executivo de uma nação, atado vergonhosamente á cauda de seus instrumentos e recebendo delles a impulsão que devia communicar-lhes?

Só no Brasil.... Escapou-me a palavra.... Só nesta época desgraçada, em que o Brasil desapareceu para deixar o lugar ao imperio da allucinação e desatino, só durante esta syncope da razão social, torna-se possivel a existencia de semelhantes desvarios, e a jactancia de os haver praticado!

Nos proprios governos despoticos, onde o povo é apenas materia talhavel para o imposto e o recrutamento, não soffre o homem tamanha degradação. O orgulho da magestade se empenha em levantar bem alto a honra de seu throno. Embora opprimida no resto de sua personalidade, a alma do subdito ao menos se expande com esse esplendor que a corôa reflecte sobre a patria.

Ainda não penetrei, porém, brasileiros, na medula deste grande opprobrio, amassado com o sangue de nossos irmãos, e as lagrimas de tantas mãis e viúvas desoladas.

Homens de talento, como são incontestavelmente os ministros da guerra e marinha, não podião espontaneamente proferir aquella inaudita blasphemia, nem mesmo em hora avessa e má. Ainda quando afogados no erro, têm os espiritos superiores a nata da essencia divina, que sobe á tona; por ahi se distinguem das almas grosseiras, onde tudo é lia e se deposita no fundo.

Comprime, portanto, o animo daquellés membros assim como de todo o gabinete, forte coação que encerra no intimo a intelligencia. O instincto da conservação trava de quaesquer ridiculos argumentos forjados por gente peca; e com taes armas de Mambrino se arremessa á peleja.

A verdade é esta, cidadãos. O véo cuja ponta já foi por outros erguida, vou rasgal-o sem escrupulo: é preciso que o paiz observe a olho nú o quadro de sua profunda miseria; não ha conveniencias, nem cautelas, que exijão o mysterio em tão grave emergencia; o silencio em tal assumpto deixa de ser reserva: pãssa á traição.

Fallo, pois, em plena confiança.

A causa dessa incomprehensivel obscuridade, que se condensa sobre as cousas da guerra, é a alliança. O governo brasileiro, não satisfeito de subscrever a humilhante clausula do commando chefe, excedeu ainda esse grande attentado dando áquella condição do tratado uma interpretação lata. Entendeu-se que a direcção tactica da guerra competia exclusivamente ao general Mitre, cumprindo ao Brasil sujeitar-se em tudo e por tudo ao seu alvitre.

Que inaudita bajulação a um pobre estado, que depois da pomposa proclamação de seu presidente mal p ôde levantar um exercito de dez mil praças, e essas inesmas na maior parte armadas á nossa custa!

A joven nação tão robusta, que a consumpção de seus recursos ainda não pôde inanir, o rico imperio fóco da civilisação da America do Sul, foi jungido á carretilha de uma republica, a qual não ha dez annos nossos

valentes soldados pisavão como vencedores ! Devem existir ainda em nosso exercito veteranos de Moron, se é que já não succubirão todos á dôr de marchar sob o estandarte que seu valor abateu outr'ora.

O governo brasileiro não tem voto na guerra : ignora mais do que os particulares, instruidos por cartas confidenciaes, o delineamento e successão da campanha.

As ordens não vão desta côrte, onde está o simulacro do poder ; partem todas do estado-maior do general chefe, umas para o exercito e armada, outras—quanta insania !— para o thésouro e arsenaes do Rio de Janeiro. Os ministros as executão fielmente e com uma soffreguidão de actividade que talvez não tivessem para servir directamente a seu paiz !

Estava reservado ao gabinete de 12 de Maio esse cargo não invejado de commissario do presidente da Republica Argentina. Nelle se resume toda a politica brasileira com relação á guerra ; fazer contratos de fornecimentos e construcção, atopetar os armazens de uma profusão de objectos dispensaveis, responder com açodamento e saltando por cima de todas as leis ás requisições do chefe estrangeiro, tal é o systema funesto que o ministerio adoptou para a debellação da guerra !

Não vio toda a população ha dias rogar o ministerio em um aviso ao seu almirante que houvesse por bem enviar participações officiaes dos combates pelejados ? Não admirarão todos a candura do gabinete fazendo sentir que o motivo desse pedido não era a razão do Estado, mas sómente o desejo de apascentar a curiosidade publica ?

O governo não quer saber do que se passa, nem faz a minima exigencia ! Delegou sua razão, seu dever, seu pundonor no arbitro supremo da triplice alliança : se portanto pede algumas explicações é sómente para entreter a curiosidade publica. E o papel que transmite semelhantes actos leva o sello das armas imperiaes, o signo de honra sob o qual vencêrão nossos pais, e nós regateamos vergonhas para a patria !

Ninguem ignora as negociações secretas que precedêrão a partida de um distincto general, cuja commissão está ainda em segredo. Correrão mil versões ; cada um tentou decifrar o enigma ; e não o conseguiu porque a esphinge lá está nas margens do Paraná, devorando o nosso povo. Carecia o governo do beneplacito do general chefe para modificar o commando de seu exercito ; naturalmente com esse fim acaba de partir outra vez para a campanha o plenipotenciario brasileiro.

Houve quem se animasse a defender a clausula do tratado que con-

ferjo a Mitre o commando geral dos exercitos alliados, sob o pretexto de reciprocidade. Andarão catando para isso exemplos na historia, e forão até a profanar a memoria respeitada do imperador Carlos V.

O bom senso do paiz fez justiça a esta mystificação, desprezando-a. Não ha, desafio a que o apresentem, um só exemplo de nação briosa ceder o commando de seus exercitos ao general estrangeiro, nas condições em que nos achavamos.

Semelhante concessão se tem realizado em alguns casos raros, quando as nações se achão no mesmo nivel de grandeza e civilisação, ou quando um dos Estados concorre apenas com uma expedição limitada, e é antes potencia auxiliar do que belligerante : essa foi nossa attitude na batalha de Moron.

O facto é possivel tambem quando entra em scena um desses grandes capitães, que trazem a victoria a rojo de sua fortuna : então a espada illustre lançada á balança faz pender a concha a favor de seu paiz, embora do outro lado esteja maior riqueza e poder. Tal exemplo se acha na historia de Gustavo Adolpho durante a guerra dos trinta annos.

Se, porém, as sympathias que cercão o negociador do tratado, cegas pela amizade, esforçarão defender a todo o transe aquella clausula ; ninguem, creio eu, se atreveu ainda a sustentar a interpretação da alliança, que entrega o Brasil, como um simples instrumento, á mão de um pequeno estado. E' um systema de politica e diplomacia nunca imaginado; consiste em desnacionalisar o paiz para illustrar a sua nacionalidade, em deshorrar o povo cujos brios pretende desaffrontar.

A allucinação de um individuo, a quem enxovalhassem o traço e que no intento de o alvejar se aproveitasse da agua dos charcos, é a mesma de um governo que pretende lavar uma nodoa pequena, o lanço de um pirata, com o lodo de uma politica indigna. A nossa bandeira enxaguada em Uruguayana e Corrientes, está agora em lexivia na lagôa meotida do Paraguay.

Para que vingar contra o inimigo os brios deste imperio que seus ministros affrontão ainda mais cruelmente ?

Sabeis agora, brasileiros, porque o governo de vosso paiz nada communica sobre a guerra; elle tudo ignora, á excepção das ordens que recebe para cumprir e cujo fim lhe escapa. Os propriós generaes brasileiros, julgando-se garantidos por um tratado de alliança, declararão sua independencia. Pois um dictador dá conta aos consules do poder magestático que se dignou aceitar para a salvação publica ?

Já tinhamos uma thesouraria em Londres ; agora remettemos o

nosso erario para Buenos-Ayres ; lá se achão tambem os tres ministerios de estrangeiros, guerra e marinha ; o ministerio da agricultura fez ha tempos os maiores esforços para se transportar aos Estados-Unidos.

Mais algumas concessões, e terão levado ao cabo essa obra erosrativa do escalbro de um paiz para a fundação de uma colonia.

Basta ! O animo succumbe.

Reli estas folhas. No primeiro assombro tive impetos de as dilacerar. Duvidei que as houvesse dictado um coração brasileiro.

Recobrei-me porém, lembrando que o Brasil, nossa patria, não é complice dessa politica ominosa, porém sim martyr de uma grande expiação. Redime a culpa de sua indiferença ante a inauguração burlesca desta idade de lama.

Não será tempo ainda de attenuar o castigo ? Acaso é o receio de que leaes estadistas chamados ao poder penetrem no seio dessa politica tenebrosa e a divulguem ao paiz, a razão mysteriosa que mantem a actualidade ?

Derramem-se então estas palavras severas, e levem ao seio do povo a plena e cruel intuição de seu infortunio.

ERASMO.



VIII

A magestade, como toda a instituição que tem a raiz na soberania nacional, se alenta sempre com a seve da opinião. A liberdade lhe serve de aura, a publicidade de luz.

E' dos nimbos condensados pelas reservas e conveniencias que se gerão as intrigas rasteiras, as anedotas de reposteiro, os susurros palacianos. Estes vermes da palavra, como os outros da materia, pullulão do lodo e na sombra.

No civico empenho de revestir a corôa de maior esplendor e popularidade, obstina-se o sincero escriptor em desenvolvê-la da nevoa que cinge as alturas. A maior ambição minha é ostentar ao paiz o monarcha na limpidez da sua lealdade para o imperio que jurou defender.

A miude o espirito soffreg invade a perspectiva sombria da politica imperial, e investiga as profundidades dos factos contemporaneos para perscrutar o pensamento altamente reposto.

Qual é o principio da poderosa força de gravitação que suspende aos ares com a tara mesquinha de alguns individuos o peso da nação inteira?

Esta anciosa interrogação em que arfa o espirito publico ainda não teve resposta. Proponho-me eu o ousado commettimento de esmerilhá-la nos intimos refolhos da consciencia imperial. Não importa que esteja o throno mais longe de mim do que de tantos menos francos ou

leaes que lhe gravirão em torno. Nada, nem mesmo os mysterios da creação, escapa á analyse viva e ardega do espirito humano: extrahese a verdade dos seios da aluna, como das entranhas do universo.

Na mente augusta, onde se revolvem neste instante os destinos do paiz, estou vendo á luz da historia contemporanea debuxadas as causas da firme persistencia da actual situação politica. São duas e gêmeas, filhas de uma mesma desconfiança.

Uma suspeita ou um receio; eis sem contestação o esteio real da presente situação.

Pois que a consciencia augusta se desnuda assim á lucida visão do escriptor, extirpem-se os sentimentos que ahí se insinuárão. Será então permittido descarnal-os, sem offender o susceptivel recato da magestade.

Uma suspeita!...

Não ha duvidar. A corôa reconhece e sente mais do intimo a crise perigosa que opprime o paiz; hesita, porém, acreditar nas causas que geralmente assignalão ao mal, e nas côres negras que assombrão o futuro do imperio. Suspeita que todos esses tons carregados sejam obra do despeito e da avidez do mando. Figura-lhe a opposição um inimigo derrocando o poder, como uma praça, para melhor tomal-o de assalto.

Semelhante desconfiança é injusta nas circumstancias actuaes; mas infelizmente houve razão para ella. A corôa chegou a esse estado de duvida pela mesma rampa escorregadia pela qual resvalárão a opinião publica e as crenças nacionaes até sossobrem no tedio geral.

Tambem a corôa curtiu amargas decepções durante o fatal decenio. Estadistas eminentes, chefes de um partido, lhe recusárão o valioso auxilio no momento preciso, coagindo-a assim a buscar muitas vezes os ministros na segunda ou terceira camada dos homens politicos.

Para quem frisou a abstenção politica dos chefes conservadores e sentio a nobreza e elevação de seus motivos, não carecem de defesa esses nomes illustres. Tolhidos na amplitude de suas idéas, abandonarão o poder com a intenção de não voltar. Acolhêrão-se ao silencio e repouso; esperarão que os acontecimentos posteriores lhes viessem

render a justiça, que todos observão actualmente e á uma confissão. A historia parece já ter aberto para elles seu templo.

Ahi no retiro dos negocios, os encontrou um viandante que pela vez primeira perlustrava essas regiões politicas. Foi este mesmo obscuro escriptor; sorpreso do occaso prematuro e voluntario de tão bellos nomes, sentio então pulsar a generosa coragem que retinha longe da luta os chefes illustres.

Erão martyres de sua idéa.

Sim, brasileiros; esses grandes cidadãos, acoimados pelos adversarios de egoismo e pelos amigos de indiferença, submettêrão-se a uma tortura moral, amesquinhando a reputação adquirida e esvanecendo a immensa popularidade. Desfiavão a têa de sua gloria com tanto disvelo trabalhada.

Mas devião elles, os chefes do partido conservador, que durante vinte annos arcára contra o liberalismo em defesa do principio da autoridade, compellidos por meros resentimentos, abalar a cupola e fecho de sua idéa? Fôra decente que os operarios do magestoso edificio da ordem publica, depois de o haverem erguido com tanto sacrificio e soffrimento do paiz, mal concluida a obra, empunhassem o alvião para a desmoronar?

A par com estas, outras reflexões.

Quando os amigos mais dedicados erão contaminados pelo marasmo da geral frouxidão, seria prudente assumirem os chefes uma attitude adversa a essa tendencia poderosa dos espiritos? Não reahira sobre elles a responsabilidade ou pelo menos a ameaça de arrastarem outra vez o paiz ás lutas fraticidas, mal extinctas?

A historia fará justiça plena aos homens; aos politicos, porém, não absolverá.

O monarcha não é uma pessoa, é uma instituição: assim como não lhe assiste o direito de sentir paixões, tambem o cidadão, a quem porventura contrarie sua vontade, não tem o direito de magoar-se. Convém não confundir no respeito á magestade o poder com o individuo.

Se a corôa se manifesta differente do ideal politico da constituição,

é dever rigoroso do cidadão, que primeiro observa esse desvio, advertil-o á sabedoria do monarca. Coberto com a egide da lei, armado apenas com a convicção leal, o homem politico está na obrigação de acudir em defesa das instituições. Não é um subdito em face do soberano, mas uma opinião confronte á outra; a soberania popular decidirá no momento preciso.

Não podião os chefes conservadores se esquivar a este dever pelo respeito á magestade, nem pelo receio de uma apparente contradicção. Defendendo o principio da autoridade, não tinham repudiado suas crenças de liberdade; antes trabalhavão em beneficio dellas, consolidando as instituições.

Foi, portanto, a abstenção o facto saliente daquelle periodo de 1857 a 1862; as causas que arredavão os chefes conservadores do poder, ao qual forão chamados por vezes, ficarão na sombra. O soberano, assim como a nação, a quem mais interessavão, permanecêrão na ignorancia dellas. Dizem que a sabedoria imperial as aventou, e quiz eliminá-las; mas era tarde ou cedo.

Deste modo, sentindo escapar-lhe os homens proeminentes de um grande partido sem causa patente, e recebendo do lado opposto uma interpretação desfavoravel dessa abstinencia, era natural que vacillasse no animo imperial a confiança. Quem sabe? Visto pelo avesso, talvez semelhante afastamento figurasse uma deserção ás idéas e uma duvida nos principios.

Cercada pela descrença, a corôa sentio-se invadir tambem do calafrio politico. Voltou-se então para o partido liberal, que se agitava para recobrar os perdidos espiritos.

Está viva e debuxada na memoria do paiz a época recente da ascensão da liga. Durante annos trabalhava a imprensa opposicionista com afincio em derrocar o partido conservador: o espirito sagaz e trefego dos escriptores insinuava-se pela menor fenda, para injectar o ridiculo sobre cousas respeitaveis. Aquelles defeitos inherentes a um partido, usado pelo poder, forão exaggerados a proporções enormes.

Assim fermentou-se a opinião contra estadistas notaveis e brasi-

leiros que havião prestado relevantes serviços ao paiz. O anathema foi lançado contra a grei dos defensores da constituição. Fluctua nas grandes capitaes um espirito volatil, exhalção das classes menos illustradas; este máo sopro desencadêou-se com tal impeto contra os conservadores, que era um acto de coragem civica trazer publicamente aquelle titulo.

A liga subio afagada por grandes esperanças; missionaria de uma nova éra de progresso e liberdade, vinha regenerar o paiz cachetico pela dominação conservadora. Os proprios adversarios decahidos esperavão da situação nascente um beneficio: o de infundir na politica brasileira aquelle nobre enthusiasmo que della se tinha evaporado com o declínio dos partidos.

Dous annos durou o espasmo do aborto; tantos bastárão para fazer de uma idade, que se antolhava de ouro, a idade de lama. Todos os defeitos arguidos ao partido conservador forão requintados: o erro tornou-se vicio; o invento passou á realidade.

Descarou-se então o monstinho do filhotismo, que era apenas feto entre os conservadores. O paiz o vio nedio e rubicundo, a embalar-se nos braços dos chefes liberaes, que o acariciavão com mimo paternal. A camara quasi se transformou em gymnasio da imberbe juventude.

A liga tambem quiz ter seus medalhões para ornato. Havendo attribuido a abstenção dos chefes conservadores ao desejo de governar por detrás da cortina, como os grandes sacerdotes do oriente, as influencias da nova situação desdenhárão o obscuro encargo de carregadores de pastas, preferindo o divertjimento de manejar o cordel aos manequins. Em vez dos bustos severos e graves das molduras conservadoras, nos apresentárão o emboço de algumas carrancas.

As prebendas administrativas tinhão sido um dos obuzes de grosso calibre dos liberaes. Entendião estes senhores que o emprego publico não era uma profissão nobre e honesta, quando exercida com dignidade. Bafejados pela fortuna ou favorecidos em sua industria privada, desfructando pingues rendas, não comprehendião que o Estado remu-

nerasse o trabalho de um estadista illustre ou de um velho servidor. Consideração isto uma espoliação ao thesouro.

Entretanto, com a nova situação creou-se mais uma agiotagem, a especulação administrativa, que vai lavrando por todas as industrias, desde a advocacia e o commercio até o daguerreotypo e a lithographia. Nunca, em tempo algum, o governo servio de manivela ao interesse privado, como nesta idade do ouro; nunca se abrirão tantos esgotos subterraneos á renda do nosso ethico erario.

Em summa, desprezando as tradições civicas e os bons exemplos deixados pelos adversarios na administração, parece que a liga caprichou em arremedar sómente o que havia de peor, por ella reconhecido e confessado. Sem duvida tinha o partido conservador muita cousa a corrigir; havia nelle erros e mesmo vicios. A continuação no poder o cobrira desse musgo que se accumula sobre as cousas jacentes, e é como a pégada do tempo.

Mas em um partido novo, que sahia cheio de viço do seio das urnas, a subita erupção daquelles mesmos defeitos não era o môfo e a ruga da velhice; sim o symptoma de eiva profunda, a putrefacção. Realmente breve se manifestou a decomposição, e do esfacelamento dessa facção surdido o renovo do partido liberal, que está agora outra vez hasteando. Venha melhor fadado para não recahir na grave culpa. Saiba manter em sua altura o grande principio que representa.

Não passa debalde, pelo espirito mais crente, o attrito de tantas e acerbas decepções. O animo imperial devia embotar-se á confiança, especialmente nestes ultimos annos, durante os quaes foi cada novo gabinete um grão descido na escala do abatimento politico. Sentio a corôa, a par do fatal encadêamento das cousas, a insufficiencia dos homens, uns desanimados, outros impotentes, muitos incapazes. Suscitou por um esforço extremo o gabinete de 12 de Maio, e colheu nova decepção e nova angustia.

Em taes condições a corôa receia naturalmente qualquer mudança ministerial. Em vez de uma transição para o bem, se lhe afigura que tal acontecimento seria um passo avante no caminho da perdição, um

declive *maior* no plano inclinado do abysmo, para onde nos precipitamos.

Collocado o pensador neste ponto da perspectiva, comprehende perfeitamente a attitude do imperador. Apoiado em uma escarpa do precipicio, julga suster dahi com um esforço poderoso o paiz prestes a despenhar-se. Espera que, applacados os primeiros ansos da ambição por essa firme resistencia, se funde o exemplo já perdido de um gabinete permanente e sobranceiro ás pequenas machinações individuaes.

Observada por este prisma, a posição do monarcha é sem duvida nobre e digna. Ha nesta luta, renhida dentro da esphera constitucional, entre a corôa e a opinião, alguma cousa que recorda o verdadeiro governo representativo. A isso devemos attribuir os lampejos de enthusiasmo, que, raros e ainda fugaces, abrem na tribuna e na imprensa. A liberdade é uma reacção ; desde que ha o choque do poder, desprende-se a faisca electrica.

Neste sentido a continuação do actual gabinete seria desejavel para os amigos sinceros do systema constitucional, se por outro lado os instantes de sua existencia não se resolvessem em annos de calamidades para o imperio. A questão no transe actual não cifra-se mais no triumpho de uma idéa sobre outra ; é a grande questão nacional da vida e honra do Brasil.

Ante o supplicio doloroso inflingido ao paiz, nenhum partido pôde emmudecer a sua indignação. Não é a gula do poder á açular as ambições, o estímulo da opposição movida a este gabinete. Outra é a fibra, e mais nobre ; a patria, que toca o homem por quanto elle tem de puro e elevado.

Apague-se portanto no animo imperial a suspeita que ahi depositou como um sedimento a longa cadéa dos factos contemporaneos. O poder não tem hoje seducções para os partidos legitimos, filhos da opinião : será para qualquer delles antes uma provança dura, do que um trophéo.

Sem duvida hão de existir na opposição algumas das ambições vermineas, que pastão nos cadaveres; a estas ainda excitão a gula estes

sobejos de grandeza. Mas os homens sisudos de qualquer opinião sentem asco e nojo pelo que outrora nelles acendia a emulação.

As cadeiras, que já forão como as curules do saber e da virtude, serão agora bancos de réo. Aquelles, que ahi venhão sentar mais tarde, talvez respondão ao paiz indignado por todos os erros passados. Terrível é a herança que deixará a seus successores o actual gabinete.

O poder foi infestado por um virus assolador: tornou-se endemica ahi a lepra politica. Os melhores caracteres, que se arriscão nesse foco morbido, são logo contaminados; todos os homens de prestimo fogem; apenas alguns amigos dedicados sacrificão-se. São, portanto, obrigados os ministros a descer á chusma, que de bom grado aceita a lepra podendo-a cobrir de galas e europeis.

Nestas circumstancias o governo, offerecido, será um martyrio; procurado, um suicidio. O partido que actualmente assumir a direcção do paiz sahirá da luta dilacerado.

Exhaurir o sangue e suor de um paiz já desfallecido para concluir a guerra com honra; reprimir a corrupção que lastra em seu proprio seio, como por toda a parte; resistir ao embate de uma torrente de despeitos e rancores; levantar sobre a base da moralidade o vulto da lei, diariamente lapidado na praça publica; são trabalhos formidaveis que romperão as forças ao mais robusto partido.

Nenhum, porém, nem o conservador nem o liberal, se póde eximir a este grande sacrificio. Tenha embora a politica brasileira suas Termopylas. A resistencia vigorosa de uma opinião contra a fatalidade, mais poderosa que Xerxes, dará pausa á nação para despertar. Então, como o illustre espartano, o chefe do partido heroico poderá proferir, succumbindo á victoria, estas palavras:

« Escriptor, vai dizer á posteridade que nós morremos pela liberdade do Brasil. »

ERASMO.



IX

Continúa a comedia politica ; houve apenas ligeira mutação de scena. O gabinete de 12 de maio dissolveu-se ; traz seu successor a data de 2 de agosto.

Rasgou-se o manto rapado da situação ; depois de vãos esforços para lhe serzir a rotura, o voltárão de dentro para fóra. O gabinete de 2 de agosto é o forro apenas de seu antecessor ; o pello da liga mais que nunca adhere agora ao poder.

Costumão nos paizes representativos a imprensa e a tribuna se abster durante as crises ministeriaes ; justa deferencia da opinião nacional pela magestade attenta ao exercicio das altas prerogativas.

Terminou, porém, a gestação ; o novo gabinete está definitivamente organizado. Chegou, pois, a opportunidade de manifestar-se o espirito publico a respeito da solução que teve a recente crise ministerial.

Direi tambem minlia palavra ; e seja ella por emquanto a ultima. Desappareço da scena justamente quando nella assoma, radiante de esplendor, o astro do actual gabinete. Não ha neste facta a relação entre o effeito e a causa, porém só mera coincidencia.

Approximava-me do marco de repouso nesta segunda jornada, quando surpredeu-me, já bem proximo ao termo, o estremecimento do gabinete passado. Aguardei o resultado em silencio, e estimando com véras recolher em boa hora. Realmente já não ha que fazer nesta lua de mel para quem não usa apedrejar os astros no occaso e adoralos nascentes.

O epitaphio do gabinete de 12 de maio está escripto ; tire-se o horoscopo ao seu successor.

A noticia da decomposição ministerial, tantas vezes assoalhada, correu a cidade de par com a asseveração dos esforços que fazia o eleitor de ministros para restabelecer no governo os demissionarios. Esta grave circumstancia confirmou o que já era conhecido ; a completa identificação da corôa com a politica vigente.

Desde logo se desenhou a perspectiva da nova organização ; alguma variedade de nomes, e absoluta permanencia da idéa. Ainda mais

se esclareceu o aspecto da situação com o annuncio, bem significativo, do futuro organisador.

Alguns espiritos ingenuos chegarão a acreditar em um gabinete mixto; porque se lembravão das palavras proferidas no senado durante a sessão de 20 de julho pelo conselheiro Zacharias: « ou nunca houve tempo de coalizão, ou se o houve é este. »

Não reflectirão que o presidente do novo conselho, quando faz parte do governo, exige a coalizão unicamente de baixo para cima; um ministerio exclusivo, governado por uma só vontade, mas apoiado por todos os partidos; que sonho dourado! Deste não são capazes os romancistas politicos, mas só os graves e sisudos bonzos que a si mesmos se qualificão de eminentes estadistas.

Em todo o caso, brasileiros, demos graças á incoherencia do organisador do gabinete de 2 de agosto, que nos poupou tão grande immoralidade! Se o pensamento funesto da coalizão, que elle aninhava em seu alto pensamento a 20 de julho, não houvesse batido as azas para as regiões hyperboreas, veriamos erigir-se mais um padrão da improbidade publica, mais uma combinação hybrida. Graças, pois, renda o paiz desta vez á versatilidade dos homens positivos que odeião o romance politico!

Foi laboriosa a gestação do gabinete de 2 de agosto: consumio tres longos dias. Se não fossem já factos reconhecidos a frouxidão dos elos progressistas e sua penuria de homens, ali estava o documento exarado naquella difficil organisação, retocada a cada instante.

O paiz assistio uma vez ainda ao arremedilho, tão frequente ultimamente, do governo parlamentar. Emquanto, á desfilada para S. Christovão, o futuro presidente do conselho, de lapis em punho, amanhava sobre o joelho um projecto qualquer de ministerio, a gente grada arruava nas passagens de maior transito, que são de ordinario o loco das novidades.

Esse fragmento illustrado da opinião mostrava ardente avidez de noticias; os individuos se inquirião sofrega e mutuamente. Grupos se formavão logo para ouvir a ultima versão que porventura trazia algum novelleiro. Com a mesma facilidade se dispersavão ao vento de outra assoalha, que os impellia a opposto rumo.

Semelhava essa multidão um animal a quem de repente se interceptou o ar e a luz. Preso no antro escuro, arroja-se á menor fenda para receber um sopro ou raio consolador. Assim estuavão, anciando por uma restea de noticia, os homens politicos preocupados da sorte de seu partido; os commerciantes inquietos da nova face que toma-

ria a questão bancaria ; os empregados receiosos da catadura do novo governador ; finalmente a grande familia dos parasitas do estado pres-tes a sugar a seiva dos novos caracteres que lhe devião servir de estacas.

Todos os interesses, áler- ta, voltãõ-se para o alto, espiando o bru- xuleio da luz. De lá, da summidade, costuma vir todo bem ; no thro- no reside a unica força do imperio. Cada influencia, neste paiz li- vre, é bolha de sabão, que enche um sopro : e este vem daquellas eminencias propicias.

De um povo que pensa deste modo não ha estranhar-lhe o aspecto. E' justo que nos transes mais solemnes do governo parla- mentar, quando se decide dos graves destinos da patria, a opinião publica ajoelhe nas praças, face voltada para o oriente, cabeça der- rubada, mãos no peito, afim de receber as palavras de fogo do oraculo.

Se fossemos um povo livre, brasileiros ; se, em vez de nos pôrem ao ganho como carregadores de palanques, nos houvessem educado para o systema constitucional ; outra e bem diversa havia de ser a compos- tura da população nas grandes solemnidades de sua existencia poli- tica.

A opinião guardára sem duvida á corõa a cortezia de não pertur- ba-la no exercicio das altas funcções magestáticas : mas soubera tomar nessa mesma polida reserva, uma attitudo nobre e digna, como convém á unica originaria soberania ; da qual são todos os poderes delegações.

Conscio de sua possança, o povó havia de achar no proprio seiõ a ultima palavra politica : e portanto não carecera de a decifrar na sombria perspectiva das alturas. O pensamento da corõa, por certo muito respeitavel e importante, tira toda força da opinião. Com ella póde o monarcha tudo ; é mais absoluto que Cesar. Sem ella reduz- se a uma simples resistencia temporaria ; é o voto de Catão.

Em paizes verdadeiramente livres não se observará a geral anxie- dade destes ultimos dias. Os partidos, as classes, os individuos, fia- rão mais da popularidade o triumpho completo de suas idéas. Nenhuma fracção sisuda da opinião commetterá a fraqueza de ir aco- corar-se ao redor da mesa do festim, para aguar com a vista das igua- rias ; ou talvez saltar sobre as migalhas que porventura cahissem ao sacudir da toalha.

Devêra a gente sisuda não apparentar só, mas sentir realmente, o tedio que inspira este arremedo do systema parlamentar. Qual valor tem as pastas que a fortuna depara a qualquer, bom ou máo, na porta

de sua locanda, em horas mortas da noite, á sombra do mysterio, como uma aventura galante ?

O poder é o vellocino de ouro, guardado pelo dragão. Só é digno delle quem o conquista pela virtude e talento, em pleno dia, á face do paiz. Se para obtêl-o o homem publico mentir á fé dos principios, ou estender ao obulo a mão supplice ; elle torna-se labéo, que só podem apagar prestantes serviços á patria.

Entretanto organisava-se o gabinete.

Conhecida a nova combinação, ficou bem patente o facto da continuação da mesma politica ; com especialidade a respeito da guerra, que hade ser a aneurisma desta actualidade. O ministro daquella repartição é o mesmo em um e outro ministerio. Parece que sua demissão foi concedida unicamente afim de se tornarem possiveis os instantes esforços para sua volta ao poder !

O elo que prende os dous gabinetes não podia ser mais solido. O principal ministro repetido ; os outros escolhidos entre os mais dedicados adherentes da politica progressista ; presidentes ou chefes da maioria.

As revelações feitas no parlamento, ha dias, patentearão a triste certeza.

O nobre marquez de Olinda assombrou o paiz com a sua confissão extrema. Declarou que o ministerio ha muito estava em desharmonia, agravada afinal. Não obstante, a corôa insistia na continuação do gabinete ; e só lhe concedeu a exoneração á vista de documento autentico.

O conselheiro Zacharias narrou a sua epopéa ministerial. Digo epopéa, é não romance : o nobre estadista ao passo que invectiva este genero da litteratura, cultiva o outro ; é sobretudo apreciador do Tasso. Não faço injúria á sua gravidade, qualificando assim os tres dias heroicos.

Ha nas metamorphoses de Ovidio uma luta admiravelmente descripta entre Hercules e Achelons. Recebe o rio o primeiro embate do adversario sob a forma varonil ; vencido nessa prova toma de repente o aspecto da serpe ; estrangulado pela mão possante de Alcide, surge então como um touro, para ser emfim domado.

O presidente do gabinete de 2 de agosto mostrou-se digno emulo do grande poeta. Tambem teve elle tres dias, em outras palavras, tres fórmãs ; e afinal foi vencido. Podia terminando a narração de sua desfeita repetir o verso de Ovidio : « Meu vencedor é tão grande que elle me consola de sua victoria. *Magnaque dat nobis tantus solatia victor.*

A verdade nua e bem descarnada é esta : o poder moderador

sustenta a todo o transe a situação ; e os coripeos della, tão reservados hontem, vêm hoje alardear ante o parlamento a sua missão imperialista, agitando aos olhos dos ambiciosos o symbolo sagrado.

Não tenho preconceito aos nomes ; todos se podem rehabilitar servindo bem o paiz. Não tenho odio aos homens ; guardo em mim um thesouro de reconhecimento e admiração para aquelles que obtenhão salvar nossa patria. Entretanto ainda não consegui dissipar o sentimento de funda tristeza que me entrou com a solução da crise.

Mallogro de esperanças para um partido, não ; a questão capital não é a da politica interna, mas a da honra e decoro nacional. Impressiona sobretudo nesta mutação de scena a robusta solidariedade a respeito dos negocios da guerra. Os dous gabinetes neste ponto se adherem estreitamente ; nenhum vestigio apparece de juntura entre elles.

E' presidente do conselho do 2 de agosto o mesmo do 15 de janeiro, que encetou em Montevidéo a celebre politica internacional das impressões ; ministro da guerra, o mesmo que referendou a capitulação de Uruguayana, e approvou o tratado da triplice alliança.

Que illações, meu Deos, não vai o bom senso do paiz tirar deste fatal conjuncto de circumstancias, sem duvida fortuitas ! Parece-me ouvir já a voz sentida da nação articulando estas palavras lastimosas :

« E' verdade então o que murmuravão os boatos rasteiros ? O erro deploravel desta guerra vem de cima. Idéa talvez suggerida pelo attentado da Gran-Bretanha, e incubada, aproveitou o primeiro ensejo para surdir. Entrava nos altos designios que o Brasil se tornasse estado guerreiro ! »

« A capitulação de Uruguayana, a locação do imperio ás republicas do Prata sob o titulo de alliança, a longa e impertinente apathia dos generaes, o desconchavo na direcção da guerra ; tudo isto se praticou não só com o assentimento, mas tambem com a adhesão e applauso de quem jurou defender o Brasil ! »

Oh ! não, brasileiros, repelli semelhantes idéas. Conheço que ellas rebentão naturalmente dos acontecimentos que vamos testemunhando e máo grado se apossão do espirito.

A historia contemporanea está lembrando que a apparente neutralidade de agora não foi guardada ha poucos annos ; em 1862, quando a camara derrotou o 24 de maio ; em 1863, quando a maioria manifestou opposição ao 30 de maio.

Houve então firme iniciativa e até contra os estylos parlamentares. *Erat in fatis*. Já estava decidido o pertinaz afastamento dos esta-

distas, cuja prudencia houvera evitado a maxima parte d'os graves erros commettidos posteriormente. A prudencia é a virtude dos conservadores, como é o enthusiasmo a virtude liberal.

Comprehendo que todas estas acerbas reflexões acudão á mente nacional; mas cerraí-vos obstinadamente a ellas; expelli, e, caso já se radicassem, extirpai-as, de vosso espirito, brasileiros, como uma praga horripavel. A fatalidade pesa sobre o imperio americano; é ella sem duvida quem urde os acontecimentos de modo a enleiar a magestade, talvez sua maior victima.

Não desertemos desta fé. Abracemo-nos todos durante os dias de tribulação com o throno; se agora elle parece oscillar ás refegas da calamidade, será em todos os tempos a arca sapta da salvação. Os povos têm sua indole como os individuos; a monarchia é a indole do Brasil. Nasceu o imperio com ella; não deve, não póde perdê-la sem perder-se.

Em 1834 nos estreitámos com este mesmo throno. Não estava elle ainda vasio da razão viril, e sómente occupado pela innocencia infantil? Porque não havemos nestes tempos difficeis de renovar o mesmo acto de patriotismo, offusque embora o esplendor da corôa uma nevoa incommoda?

E' necessario ao holocausto mais sangue e suor? Aceitemos de bom grado o sacrificio, povo brasileiro. Immole-se tudo, excepto virtude e dignidade, aos deoses adversos, para que nos deixem elles perseverar na fé da monarchia e no amor do throno. Dê o Brasil ao mundo o grande e sublime exemplo da prudencia de uma nação que, tão provocada á resistencia, se abstem e resigna.

Demais, quem sabe! Talvez que semelhante insistencia seja no juizo da corôa, em vez de solidariedade, uma completa abstenção a respeito da situação actual. Não quer o soberano truncar a obra progressista; deseja que seus autores a levem a cabo, ou succumbão completamente ao peso della. O documento exigido da renuncia do gabinete passado é uma prova do conceito em que tem a liga. De quantos outros já não se achará munido, para mostrar á posteridade o erro, primeiro, e depois a pusilanimidade, dos chefes da situação?

Infelizmente o paiz é a materia vil desse processo; e os inventores de sua desgraça vão a um e um tomando posse do senado brasileiro. Ali recostados negligentemente ao espaldo das poltronas vitalicias se distraião elles em tecer chistosos epigrammas.

Confie tambem o povo na força mysteriosa do disparate que tanto ha nos governa. Temos visto nos ultimos annos taes aberrações dos acontecimentos, que a mais estranha sorpresa não sómente já não causa es-

panto, mas deve entrar em consideração, como uma das soluções mais naturaes a qualquer situação politica.

E' por esta lente que deve ser observada a physionomia do novogabinete.

Sahido do intimo seio da maioria, talvez seja devorado por ella propria em sete dias, ou affagado pela opposição durante sete mezes. Nada tambem mais possivel do que transportar-se de repente esse umbigo do partido progressista para um ventre conservador ou liberal. Seria esta de todas a maior desgraça politica.

O conselheiro Zacharias foi o presidente do gabinete que festejou os arreganhos marciaes do infeliz geral Netto; e soprou a primeira centelha do grande incendio que nos devora, ordenando ao nosso plenipotenciario a apresentação do ultimatum de 4 de agosto. Nada mais incoherente, e portanto mais racional nesta época, do que apresentar-se agora o mesmo estadista, sectario acerrimo da paz, sacrifique embora para obtê-la a todo transe a dignidade do paiz.

O ministro da guerra andou transviado até o presente; entregue exclusivamente á parte mais grósseira da administração, desdenhou a alta direcção da campanha do Paraguay. A esta acephalia se attribuem os erros crassos diariamente commettidos no commando de nossas forças; bem como a inercia vergonhosa em que ali jazemos ainda. Por isso que o mesmo estadista continúa na pasta, deve o paiz esperar, sempre pelo despotismo do absurdo, que o ministro hontem coacto entre na plenitude de seu incontestavel talento e imprima á guerra um forte impulso.

A Deos praza que essa influencia irresistivel do absurdo não acarrete dous males que são de temer.

O presidente do conselho dizia no senado em principio desta sessão que o paiz carecia especialmente de uma politica firmada sobre a base da moralidade. Acaso lamentaremos a inversão deste pensamento, e durante o governo de um homem probó assistiremos ao espectáculo pungente da corrupção a roer a carcassa deste infeliz imperio?

O outro mal é o naufragio de um caracter são, de repente arrebatado pela voragem. O actual ministro da justiça pôde resistir até aqui aos impetos da torrente: e comtudo muitas vezes as espumas da vaga o salpicarão. Agora lá o arrasta o turbilhão! Terá o paiz mais tarde, passada a procella, de encontrar sobre a arêa, entre tantos outros perdidos, os despojos desta boa reputação?

Quando tanto precisamos de homens puros e capazes, em todos os partidos, a perda de um nome será uma calamidade.

Chego ao termo.

E' o momento de retrahir-me ao silencio. Se a intenção não existisse, o facto da mudança ministerial era bastante para inspiral-a. A grande questão actualmente é a guerra ; ella significa a reparação da honra nacional e a salvação do imperio: a politica Interna importa pela decisiva influencia que tem na solução daquelle problema.

Se o gabinete de 2 de agosto vem activar a guerra e concluil-a com honra, o que é possível pela lei vigente da anomalia, não quero ser um estorvo, minimo embora, á sua marcha. O grão de arêa que se introduz entre os eixos póde, não obstante sua miudez, emperrar a grande machina.

Afasto-me portanto.

Não levo ao meu retiro, nem a satisfação do triumpho que applaca o ardor, nem o desengano que abate a coragem. Se ainda o povo brasileiro não tomou a attitude de um povo livre, não perdi comtudo a esperanza na sua rehabilitação.

O lavrador depois que sachou a terra e acabou o plantio se entrega ao descanso, tanto para refazer as forças, como para dar ao grão o tempo de abrolhar. Tambem eu estuei durante longas soalheiras a sachar o chão duro e safaro da opinião ; tambem ahi lancei a minha idéa.

Assim não avelle a semente. Forre-mê Deus á tarefa ingrata de revolver outra vez e dilacerar as entranhas de uma nação !

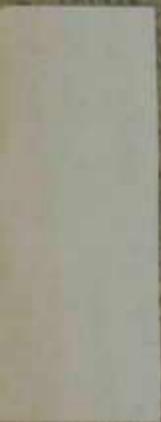
ERASMO.

6 de agosto.

FIM DA 2ª SERIE.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).